

Charlotte Brontë - Romancista -

Dissertação de Licenciatura

em

Filologia Germânica

da aluna

Maria Zulmira Garrido Eva

Universidade de Coimbra, Maio 1949

SUMARIO

Cap. I	-	Vida de Charlotte Brontë -----	Pag. 1
Cap. II	-	Analise dos romances -----	Pag. 22
		The Professor -----	Pag. 23
		Jane Eyre -----	Pag. 28
		Shirley -----	Pag. 39
		Villette -----	Pag. 50
Cap. III	-	O Romantismo de Charlotte Brontë no ambiente victoriano -----	Pag. 62
Conclusão		-----	Pag. 68
Notas		-----	Pag. 71
Bibliografia		-----	Pag. 89

CAPITULO I

Vida de Charlotte Brontë

O conhecimento da vida dum escritor auxilia sempre, mais ou menos, o estudo da sua obra. Em Charlotte Brontë este conhecimento torna-se imprescindível pois a sua vida pessoal está de tal modo ligada á sua vida literária, que as duas por vezes se confundem, e nós ficamos sem saber onde termina a realidade e onde começa o romance... Por isso, antes de analisar a obra, vejamos o que foi a vida da grande escritora.

Charlotte Brontë nasce em Thornton, a 21 de Março de 1816. Seu pai, o Rev. Patrick Brontë, nascera na Irlanda, e era um dos dez filhos duma humilde familia de camponeses. Patrick cedo revela invulgares dotes de inteligencia e a ambição leva-o a ter aspirações superiores ás dos seus irmãos. Começa a ganhar a vida como tecelão, mas aos desasseis anos sabemo-lo já mestre-escola, e aos vinte e cinco, instigado e talvez ajudado materialmente por Mr. Tighe, reitor em Drumgooland, entra no St. John's College de Cambridge. Ordena-se em 1806, e ocupa sucessivamente os curatos de Wethersfield, Wellington, Dewsbury e Hartshead. Nêste ultimo conhece uma jovem de Corhwall, Maria Branwell, com quem casa em 1812 e aqui nascem as duas primeiras filhas do casal, Maria e Elisabeth. Em 1815 desloca-se a familia para Thornton onde nascem Charlotte, Branwell, Emily e Anne. Em Thornton a vida decorre facil e agradavel no convivio de amigos verdadeiros, mas em 1820 surge mais uma mudança, sendo Patrick nomeado para a reitoria de Haworth, em Yorkshire.

Haworth, é uma pequena aldeia situada na encosta escarpada dum monte; ao cimo da rua principal, no ponto mais elevado, ficava o presbiterio, tendo em frente a igreja paroquial e a pouca distancia a famosa estalagem Black-Bull. A casa compunha-se de dois andares, mas era fria e desconfortavel; quem chegasse a uma das janelas e ao deparar com as campas lugubres do cemiterio, que a rodeava, alongasse a vista á procura do cenário mais alegre, era invadido por um sentimento de tristeza e solidão ao contemplar a paisagem agreste dos “moors” que se estendiam a grande distancia.

É pelos “moors” que os pequenos Brontës correm, quando crianças, e de tal modo se prendem ao seu encanto selvagem, que é sempre com alegria que revêm o cenário que lhes é querido e Emily nem suporta o seu afastamento.

Mr. Brontë sente-se satisfeito com o seu novo lugar que lhe assegura o futuro e onde é maior a sua autoridade; Mrs Brontë, porem, estranha o clima rigoroso de Yorkshire, e o seu estado de saúde que era bastante precário depois do nascimento de Anne, agrava-se, e ela sucumbe ao sofrimento dum cancro em 1821.

Grande deve ter sido o desgosto do marido, que numa carta publicada no “Cottage Magazine”, se queixa da solidão que o rodeia, sem amigos dedicados que o confortem, ouvindo só o palrear alegre dos filhos o que mais aguda tornaria a sua dor. Por esta carta sabemos tambem que Miss Branwell, sua cunhada, viera para Haworth ainda a tempo de tratar da irmã doente e após a morte desta ali se conserva, tomando conta do governo da casa.

Mrs Gaskell fala do feitio irascivel de Mr. Brontë com algum exagero e êste admitindo embora certas excentricidades no seu

caracter lembra-lhe:

“Had I been numbered among the calm, sedate, concentric men of the world, I should in all probability never have such children as mine have been” (1)

Quem pode deixar de lhe dar razão? Mr. Brontë gostava dos filhos mas não sabia lidar com eles como crianças. Nunca se opôs porem á sua educação e deixava que lessem os jornais que os punham a par dos assuntos do dia; quando mais tarde esgotaram a biblioteca caseira, permitiu que fossem buscar livros a Keighley, que distava quatro milhas de Haworth. Ele proprio interrogava os filhos, para avaliar o grau dos seus conhecimentos, fazendo-os colocar uma mascara grega que tinha no seu escritorio para que assim perdessem a timidez. Charlotte, a quem perguntou um dia qual era o melhor livro do mundo, disse ser a Bíblia e depois desta o livro da Natureza. Esta opinião manteve-a pela vida fora e refletiu-se nos seus trabalhos literarios levando Mr. Heger a dizer que “elle etait nourrie de la Bible”. (2)

Entretanto Mr. Brontë decide mandar as filhas para uma escola, mas como não era rico, escolhe uma onde eram educadas as filhas dos padres anglicanos por uma despesa módica.

Maria, Elisabeth, Charlotte e Emily iniciam a sua vida escolar em Cowan Bridge, de que temos uma expressiva descrição em “Jane Eyre”.

Mr. Carus Wilson, o director da escola, era um clérigo austero, que se propunha educar as raparigas para uma vida que se coadunasse com os seus poucos meios, privando-as de qualquer prazer como atentório á dignidade religiosa.

Maria e Elisabeth, pela sua fraca compleição não resistem á disciplina severa que lhes impõem, adoecendo gravemente, e indo morrer

a casa, a primeira em Maio e a segunda em Julho de 1825.

Charlotte e Emily que tinham deixado a escola, regressam após a morte das irmãs, mas a sua pouca saúde fá-las voltar definitivamente para casa.

De novo em Haworth, Charlotte encarrega-se da tarefa iniciada por Maria, e ocupa-se dos irmãos; como mais velha, sente que é seu dever protegê-los, e a partir de então procede sempre tendo em vista não a sua felicidade mas a de todos os seus.

Miss Branwell nunca toma um interesse maternal pelos sobrinhos; é ela que inicia as raparigas nos trabalhos caseiros e as ensina a bordar, mas a maior parte do tempo passa-a no quarto para fugir ao frio rigoroso de Yorkshire.

A educação de Branwell está confiada a Mr. Brontë que põe no filho as suas maiores esperanças; A tia e as irmãs confiam igualmente nos seus talentos.

Afastados do pai a quem incomodavam com o seu cavaquear, isolados da tia que se fechava no quarto, os pequenos Brontës, quando livres das suas ocupações, corriam pelos “moors”, não receando o tempo mais agreste, e á noite reuniam-se na cozinha, á volta da lareira, ouvindo atentamente as histórias que Tabby, a criada, lhes contava. Numa dessas noites em que sonolentos não sabiam o que fazer, Charlotte propõe que cada um invente uma ilha e a povôe com heróis da sua escolha. Todos aceitaram a ideia com alvoroço, e, com a imaginação desperta pelas histórias de Tabby e provavelmente também pelas de Mr. Brontë, sobre os celtas, os quatro irmãos criaram um reino imaginário e numa letra minúscula, que imita a de imprensa, vão anotando as suas ideias em volumes de pequeno formato, de harmonia com o tamanho duns soldados de madeira que o pai oferecera a Branwell.

Primeiramente trabalham os quatro em conjunto, mas depois formam dois grupos e iniciam os seus “secret plays”.

Emily e Anne criam o reino de Gondal; Charlotte e Branwell o de Angria. Nestes reinos sucedem as coisas mais fantásticas e imprevistas, sendo o nome dos heróis escolhido entre as figuras de destaque de então.

O facto não nos surpreende, pois Mr. Brontë costumava discutir política com os filhos. Mary Taylor, falando de Charlotte quando estava em Roe Head diz:

“We used to be furious politicians as one could hardly help being in 1832. She said she had taken interest in politics ever since she was five years old”. (3)

Por isso Wellington é o herói preferido nas obras juvenis de Charlotte.

E assim decorre a infância dos pequenos Brontës que qualquer um de nós considera infeliz pois lhes falta o carinho duma mãe e a amizade de companheiros de brinquedos, mas que para eles não é isenta de encantos, sempre que se refugiam nos reinos imaginários onde realizam as aventuras mais belas da sua vida.

Teria sido enorme o choque sofrido por Charlotte quando Mr. Brontë a chama á realidade, levando-a para a escola de Roe Head para ali completar a sua educação. A tímida Charlotte, privada da companhia dos que lhe são queridos e do seu reino de sonho, sente-se miserável ao primeiro contacto com as colegas que a olham curiosas e perscrutadoras. Vencido porem o desânimo, entrega-se ao trabalho com ardor e torna-se estimada de alunas e professoras;

A principio notam deficiências no seu saber:

“We thought her very ignorant for she had never learnt grammar at

all and very little geographic” (4) diz Mary Taylor numa carta a Mrs. Gaskell, mas cedo descobrem que Charlotte sabe e se interessa por muitos assuntos que elas não compreendem.

“She picked up every scrap of information concerning painting, sculpture, poetry, music, ect. as if it were gold”. (5)

Em Charlotte a ansia de saber é enorme e ela nunca se queixa por mais ardua que seja a tarefa de estudo. Miss Wooler, a directora da escola, aprecia a sua capacidade invulgar e toma um interesse especial pela sua educação.

Charlotte Brontë, Ellen Nussey e Mary Taylor são as melhores alunas da classe e entre elas nasce uma amizade forte e duradora.

Ellen Nussey era meiga e compreensiva e manteve com Charlotte uma correspondência aturada. Graças às cartas que ela conservou, é-nos possível conhecer muitos traços do carácter e passos da vida da grande romancista.

Mary Taylor tem um feitio mais independente, e até certo dia, ainda na escola, diz a Charlotte que a acha muito feia; mais tarde, arrependida, pede-lhe perdão, mas a amiga assegura que ela lhe fizera um grande bem e que não devia arrepender-se.

A ideia de que ninguém gostaria de a olhar uma segunda vez, pela sua fealdade, tornou-se obsecante em Charlotte e teria contribuído em grande parte para a sua timidez. Mr. Smith, seu editor, diz anos mais tarde:

“I believe that she would have given all her genius and all her fame to be beautiful. Perhaps few women ever existed more anxious to be pretty than she, or more angrily conscious of the circumstance that she was not pretty” (6). Charlotte era de pe-

quena estatura “stunted” como ela dizia, e as suas feições não eram correctas; mas no seu rosto realçavam uns olhos grandes e meigos que quando ela se entusiasmava em qualquer discussão, tomavam um brilho estranho que a transfigurava, e quasi tornava bonita. Charlotte em Roe Head isolava-se á hora do recreio embrenhando-se na leitura dum livro; á noite, porém, no dormitório, era ela que fixava a atenção das companheiras contando-lhes histórias com tal poder convincente que as atemorizava e até certa noite uma delas desmaiou com a emoção.

Aqui ouve Charlotte falar dos assaltos às fábricas da região, na altura da Revolução Industrial e das condições deploraveis em que viviam os operários. Visita também Mary Taylor e assiste em casa dela a discussões acaloradas de política, em que não toma parte, porque é de partido conservador enquanto os Taylor são radicais. Destas visitas fica-lhe gravado o caracter singular do pai da amiga, que mais tarde retrata nos seus romances.

Charlotte demora-se um ano em Roe Head e regressa a casa onde se encarrega de transmitir os seus conhecimentos às irmãs. É a Ellen que escreve:

“An account of one day is an account of all. In the morning, from nine o clock till half twelve I instruct my sisters; then we walk till dinner time after dinner I sew till tea-time and after tea I either write, read or do a little fancy work or draw as I please. So in one delightful though somewhat monotonous course my life is passed”. (7)

Em breve as necessidades da vida a arrancam a esta monotonia; alguém tem de a ajudar às despesas da casa, e Charlotte parte de novo para Roe Head, como professora, levando consigo Emily, como aluna.

“I am sad, very sad, at the thought of leaving home; but duty, necessity are stern mistresses, who will not be disobeyed.” (8) diz a Ellen. O dever para uma puritana como Charlotte, está a acima de tudo e ela submete-se. Emily porém não suporta o afastamento de casa e é substituída por Anne.

Charlotte não se sente agora tão feliz em Roe Head como da primeira vez; falta-lhe o amparo moral das amigas, e a tarefa do ensinar tem para ela menos interesse do que a de aprender.

A sua saúde debil fá-la cair num estado de depressão que nem as visitas a casa de Ellen e de Mary conseguem dissipar. Procura então apoio na religião mas as dúvidas assaltam-na e ela sente-se infeliz.

“I have stings of conscience, visitings of remorse, glimpses of holy, of inexpressible things which formerly I used to be a stranger to.” (9)

Ellen anima-a, mas Charlotte sabe que a amiga recta e calma não pode compreender a sua natureza rebelde.

“I am not like you. If you knew my thoughts, the dreams that absorb me and the fiery imagination that at times eats me up, and makes me feel society, as it is, wretchedly insipid, you would pity and I dare say despise me”. (10)

Charlotte continua a abandonar-se à magia do sonho e o contraste entre essa vida ideal e a realidade é demasiado profundo para que ela não desespere.

Surge agora outra preocupação: Anne adoece e Charlotte lembrando-se da morte das irmãs mais velhas, assusta-se e censura Miss Wooler pelo pouco interesse que toma pela saúde da irmã; surge um desentendimento entre as duas amigas, felizmente breve, pois

Charlotte reconhece que procedeu precipitadamente.

Anne regressa a casa findos os seus estudos e a irmã segue-a pouco depois, aconselhada pelo médico. Ao reentrar no ambiente familiar sente-se restabelecer e escreve á amiga de sempre:

“A calm and even mind like yours cannot conceive the feelings of the shattered wretch who is now writing to you when after weeks of mental and bodily anguish not to be described something like peace began to dawn again”. (11)

Recebe agora a primeira proposta de casamento feita por Henry Mussey, irmão de Ellen, mas Charlotte recusa.

“I had not and could not have that intense attachment which would make me willing to die for him; and if I ever marry it must be in that light of adoration that I will regard my husband” (12).

Ela não é como tantas raparigas do seu tempo para quem a aspiração suprema é casar. Algum tempo depois recusa outra proposta feita por um cura que a tinha visitado e comenta:

“I am certainly doomed to be an old maid. Never mind. I made up my mind to that fate ever since I was twelve years old” (13).

Para Charlotte o casamento não é um meio de conseguir uma situação mas sim a união de duas almas que se amam e se compreendem.

Vai agora ganhar a sua vida como perceptora; não gosta da profissão “I hate and abhor the very thought of governess-ship” (14) mas como dizia Mary Taylor numa carta a Ellen,

“There are no means for a woman to live in England but by teaching, sewing, or washing. The last is the best. The best paid, the least unhealthy and the most free” (15)

Charlotte sofre na sua nova situação, as crianças não lhe obedecem e é inútil tentar chamá-las à ordem recorrendo ao auxílio dos pais. Passados três meses deixa a casa de Mr. Sidgwick e regressa a Haworth, mas consegue arranjar outro lugar e parte novamente se bem que “no one but myself can tell how hard a governess’s work is to me- for no one but myself is aware how utterly averse my whole mind and nature are to the employment” (16).

Charlotte vai então para casa de Mrs. White onde se sente mais feliz, mas para ela é sempre penoso viver entre estranhos. As três irmãs pensam então fundar uma escola e Mr. White sugere a Charlotte a ideia de ir ao continente adquirir um conhecimento perfeito do francês, pois sem isso não podiam ser bem sucedidas no seu projecto.

É nesta altura que Mary Taylor, que viajava pela Europa, escreve entusiasmada a Charlotte e esta fica entre encantada e pesarosa.

“I hardly know what swelled to my throat as I read her letter: such a vehement impatience of restraint and steady work; such a strong wish for wings- Wings such as Wealth can furnish; such an urgent thirst to see, to know to learn”. (17)

Que projectos ousados não provocou esta carta! Ela vinha precisamente ao encontro dos ideais de Charlotte, vêr mundo, observar com os seus próprios olhos o que conhecia só pela observação dos outros. E dentro de si a ideia de ir ao estrangeiro começa a tomar vulto...

“I longed to go to Brussels; but how could I get there?” (18)

Onde arranjar dinheiro para as despesas? Mas Charlotte não desiste facilmente dos seus intentos e consegue persuadir a tia a ajudá-las. E em Fevereiro de 1842 Charlotte e Emily, acompanhadas por Mr. Brontë e um irmão, chegam a Bruxelas e ficam instaladas no pensionato de Mme. Héger.

As duas inglesas são recebidas com uma pontinha de curiosidade: a sua idade escolar já passou há muito, Emily tem 24 e Charlotte 26 anos; o seu vestuário simples e já fora de moda deve provocar a hilariedade das companheiras, mas as duas irmãs fecham-se numa reserva insular e apenas se interessam com o estudo. Os seus conhecimentos de francês mostram-se insuficientes e elas trabalham intensamente para suprimir estas deficiências. Mas que importa o arduo trabalho a que se entregam e a diferença de religião e de país que as isola quasi por completo das outras colegas? Charlotte está no seu meio e sente-se feliz.

“My present life is so delightful, so congenial with my own nature compared with that of a governess. My time constantly occupied, passes too rapidly” (19)

M. Héger dá-lhes lições particulares de literatura francesa e admira o genio das duas alunas.

Embora isoladas no pensionato, Charlotte e Emily podiam gosar aos fins de semana a companhia de algumas famílias inglesas e a de Mary e Martha Taylor que estudavam também em Bruxelas. A morte desta última, ocorrida neste período, impressiona profundamente Charlotte que mais tarde a recorda num dos seus romances, em “Shirley”. As irmãs demoram-se em Bruxelas mais tempo do que contavam pois oferece-se-lhes a ocasião de darem lições, Charlotte de inglês e Emily de piano. A notícia da morte da tia fá-las voltar precipitadamente à Patria e uma vez lá entregam ao pai uma carta de M.

Héger, em que êle fala dos progressos feitos pelas duas irmãs e em que sugere que uma, pelo menos, regresse a Bruxelas. Emily prefere ficar em casa e Charlotte volta sózinha ao continente.

Primeiramente sente-se feliz com a sua situação, mas se ela suportara o isolamento no tempo de Emily, esta agora torna-se-lhe insuportavel.

“There is a constant sence of solitude in the midst of numbers. The Protestant, the foreigner, is a solitary being whether as teacher or pupil” (20).

Nota uma subita frieza em Mme e M. Héger e êste censura-a por não ser mais comunicativa, mas Charlotte não suporta as outras professoras e continua “in a Robinson-Crusoe like condition-very lonely” (21).

Entretanto Mary Taylor deixa Bruxelas, pouco depois partem também duas famílias inglesas conhecidas, as ferias grandes aproximam-se, e Charlotte escreve a Ellen:

“In a few days our vacation will begin; everybody is joyous and animated at the prospect, because everybody is to go home. I know that I am to stay here during the five weeks that the holidays last and that I shall be much alone during that time and consequently get downcast and find both days and nights of a weary length” (22).

Todos regressam a suas casas e Charlotte não pode regressar á sua... O desejo de voltar ao circulo familiar, de rever a paisagem querida de Haworth, começa a invadi-la até que se apossa de todo do seu ser. Entregue a si só, passeando pelas salas de aula, agora desertas, Charlotte sente que uma nova crise nervosa se vai desencadear. Os amigos partiram, as noticias de casa a respeito de Branwell não são animadoras, e Charlotte para enganar o tempo, passeia ao acaso pelas ruas de Bruxelas.

Uma tarde entra na igreja de Ste. Gudule, um padre estava a confessar e Charlotte, que é protestante, sente a necessidade absoluta de contar a alguém os seus tormentos, e como que hipnotizada vai até ao confessional, ajoelha e como Lucy em “Villette” balbucia: “Mon Père, je suis Protestant”.

Numa carta a Emily conta-lhe o sucedido mas pede-lhe que não diga nada ao pai, não vá êle julgar que ela se quer converter ao catolicismo.

As aulas reabrem e Mme.Héger finge ignorar a depressão moral por que passa Charlotte mantendo uma atitude reservada, atitude ditada pela diferença de religião, pois Mme. Héger era muito devota e devia-a chocar o aparente desprezo que Charlotte mostrava pela religião católica.

Em Charlotte o desejo de regressar a casa cada vez é maior mas ela receia ser um estorvo; pelo fim do ano a sua presença é necessária e parte então para Haworth. M. Héger á partida dá-lhe um diploma do Ateneu Real de Bruxelas provando a sua competência no ensino do francês.

Eis chegada a altura de as três irmãs realizarem o seu velho projecto de fundar uma escola; mas não aparecem alunas e elas têm de desistir. No intimo sentem um certo alivio com êste insucesso pois não as atraia o convívio com pessoas estranhas. Além disso, a tia deixara-lhes algum dinheiro que lhes permitia viverem mais desafogadamente; Anne e Branwell estão como preceptoras na mesma casa, a vida vai decorrer melhor...

Mas Charlotte não se adapta a uma vida inactiva e sempre igual; embora em Haworth, na companhia do pai e da irmã sente a monotonia do seu viver.

Mary e Ellen aconselham-na a sair de casa mas Charlotte acha que é seu dever ficar e não transige; transigira uma vez.

“I returned to Brussels after aunt’s death against my conscience, prompted by what seemed then an irresistible impulse. I was punished for my selfish folly, by a total hindrance for more than two years of happiness and peace of mind.” (23)

Muitos pretendem fundamentar nesta confissão a opinião de que Charlotte regressara a Bruxelas levada pela paixão por M. Héger, quando afinal ela se censura aqui por ter deixado o pai e a irmã.

O problema da paixão de Charlotte pelo seu antigo professor tem sido muito debatido mas não se pode resolver com absoluta certeza. Muitos afirmam que ela se apaixonou, e atestam-no com as cartas que Charlotte escreve de Inglaterra a M. Heger, mas essas cartas serão ditadas pelo amor-paixão- ou antes pela admiração de aluna por professor?

Charlotte que amava a língua francesa vê-se privada do seu uso quando chega a Inglaterra; porque não manter correspondência nessa língua com a única pessoa que tomara interesse pelos seus estudos? Charlotte escreve a M. Heger e ele responde poucas vezes, acabando por lhe pedir para enviar as cartas para o Ateneu, e não para o pensionato.

Nessa altura Charlotte pára com a correspondência. Se de facto as suas cartas fossem de uma apaixonada, mais facilmente podia exprimir os seus sentimentos, sabendo que não havia outra pessoa - Mme. Héger - que deles tivésse conhecimento. Se as expressões de Charlotte são apaixonadas temos de ter em conta o seu temperamento impulsivo. Aliás, é um dos poucos privilegios de que goza na vida monótona de Haworth, é o da correspondencia. Mais tarde corresponde-se com os editores dos seus livros e confessa a alegria que lhe dão as suas cartas. Lembremos também que para uma verdadeira puritana, como Charlotte, repugnaria ter sentimentos

que a sua crença condenava e M. Heger era casado.

Trata-se pois, a meu ver, duma admiração intelectual de aluna por professor, nada mais.

É agora a vez de Anne regressar a casa, juntando-se às irmãs e pouco depois Branwell é despedido. O jovem docil e alegre doutros tempos torna-se o flagelo da família.

Passa o tempo na estalagem do Black-Bull bebendo com os amigos, torna-se dissipador e fuma opio às escondidas.

É por esta altura que Charlotte encontra um dia um manuscrito com versos de Emily. Lê-os e reconhece-lhes qualidades superiores; pensa então publicá-los mas Emily fica furiosa quando sabe a irmã na posse do seu segredo.

“It took hours to reconcile her to the discovery I had made, and days to persuade her that such poems merited publication.” (24)

Anne mostra por sua vez a Charlotte algumas composições e as três irmãs resolvem então publicar um livro com os seus versos. Para evitar a publicidade adoptam os pseudónimos de Currer (Charlotte), Ellis (Emily) e Acton (Anne) Bell. Os poemas passam despercebidos e só se vendem dois exemplares.

As irmãs não desistem e tentam agora a prosa: Charlotte escreve: “The Professor”, Emily “Wuthering Heights” e Anne “Agnes Gray”. Os dois últimos são aceites porem “The Professor” é rejeitado por seis editores.

Charlotte acompanhara o pai a Manchester onde êste é operado á vista; no próprio dia da operação é-lhe devolvido mais uma vez o manuscrito do seu livro: remete-o para outra casa editora e inicia um novo romance em que trabalha activamente. Um dia recebe uma carta de Messrs. Smith Elder, Cº. que rejeita em termos amaveis

“The Professor” mas que diz que um trabalho em três volumes, do mesmo autor, talvez possa ser aceite.

Três semanas depois de receber esta carta Charlotte acaba “Jane Eyre” e manda-o para o editor: “friendly and skilful hands took itin” (25) e antes do fim de Outubro sai a publico o romance que traz a fama a Currer Bell.

Charlotte acolhe o triunfo com calma e lastima que os criticos não apreciem devidamente a obra das irmãs.

Confessa ao pai o seu exito, lendo-lhe algumas revistas que faziam referencia ao livro e dá-lhe uma cópia do mesmo para êle ler. Mr. Brontë devia ter ficado satisfeito; se Branwell não correspondera ás suas esperanças, Charlotte compensa-o desse desgosto.

E a vida de Charlotte movimenta-se: ela tem que conciliar a sua vida caseira com a carreira literária. Escreve aos editores e a críticos da sua obra, lê revistas e livros que lhe mandam de Londres, mas sente-se feliz.

“Jane Eyre” já conta três edições e o mistério quanto á personalidade do autor mantém-se. Anne escreve “The Tenant of Wildfell Hall” e o seu editor manda a obra para a América como sendo de Currer Bell. Uma casa editora americana que fizera um contracto com Messrs. Smith Elder C^o. para ser a primeira a publicar no seu país e a nova obra de Currer Bell, protesta, e Mr. Smith pede explicações.

Charlotte e Anne resolvem então ir a Londres explicar o caso. Quando o editor vê as duas jovens não supõe que tem na sua frente a autora de “Jane Eyre”, mas Charlotte mostra-lhe a carta que êle lhe escrevera e tudo se explica. Mr. Smith e o leitor da casa, Mr. Williams, acompanham as duas irmãs nos dias que passam em Londres.

Branwell continua no mesmo estado de dissipação e o seu fim aproxima-se. Charlotte que tão bem domina as suas paixões não pode compreender a fraqueza do irmão, e ela que fôra a sua companheira nos tempos de Angria, cede agora o lugar a Emily. Vêr de perto a agonia daquele em quem tinha posto as suas melhores esperanças, fazia-a sofrer e por isso se afasta.

Charlotte confiara no talento de Branwell e esperara que êle lhe abrisse um novo mundo aonde êle e as irmãs, como mulheres, nunca conseguiriam entrar. As suas ilusões estão desfeitas, mas Charlotte depois da sua morte perdoa-lhe o mal que êle fizera inconscientemente. “All his vices were and are nothing now. We remember only his woes”. (26)

Agora é Emily que definha de dia para dia sem que o pai ou as irmãs lhe possam dar ajuda ou conforto. Emily não quer ouvir falar em remedios nem em médicos e continua a fazer a sua vida normal. Só no dia da sua morte diz a Charlotte: “If you will send a doctor I will see him now” (27). Mas era demasiado tarde e morria pouco depois.

Charlotte que dias antes ao encarar a possibilidade da morte daquela que era “the nearest thing to my heart in the world” (28), afastara o pensamento por ser muito doloroso, sente-se agora calma ao participar o triste desenlace a Héllen pois “The anguish of seeing her suffer is over; the spectacle of the pains of death is gone by; the funeral day is past. We feel she is at peace. No need now to tremble for hard frost and the keen wind. Emily dos not feel them. She died in a time of promise. We saw her taken from life in its prime.

But it is God’s will and the place where she is gone is better

than that she has left”. (29)

Charlotte sofre imenso com a morte da irmã mas reage por causa de Anne e do seu pai que lhe diz a todo o momento:

“Charlotte, you must bear up; I shall sink if you fail me.” (30)

Cabe agora a vez a Anne de adoecer e embora se sujeite docilmente ao tratamento médico, a doença progride lentamente. Charlotte sente-se desanimar e escreve a Hellen:

“My spirits fall at intervals very low; then I look where you counsel me to look, beyond earthly tempests and sorrows. I seem to get strength if not consolation”. (31)

Anne mostra o desejo de voltar a Scarborough, onde estivera quando perceptora. Hellen e Charlotte acompanham-na para assistir aos seus últimos momentos. Da família só ela não é sepultada em Haworth.

Quando volta a casa Charlotte é recebida com carinho pelo pai e criadas, mas ao encontrar-se só, ao tentar alegrar-se por ter regressado, a sensação da casa vazia e silenciosa traz-lhe á lembrança a imagem dos entes queridos que a morte arrebatara.

“So the sense of desolation and bitterness took possession of me. The agony that was to be undergone and was not to be avoided came on”.

Mas a solidão torna-se mais opressiva.

“When evening closes and night approaches. At that hour we used to assemble in the dining-room-we used to talk. Now I sit by myself - necessarily I am silent.

I cannot help thinking of their past days, remembering their sufferings and what they said and did, and how they looked in mortal affliction”. (32)

Por muito tempo se mantém êste seu estado de ânimo e as suas cartas revelam o sofrimento dum coração torturado.

“I wake in the morning and know that solitude, remembrance and longing are to be almost my sole companions all day through- that at night I shall go to bed with them, that will long keep me sleepless - that next morning I shall wake to them again - sometimes, Well, I have a heavy heart of it. But crushed I am not yet.” (33)

Charlotte pode ainda “get on”, pode ainda lutar contra a adversidade que a tem perseguido. A sua confiança na misericórdia divina dá-lhe coragem.

“I have learnt that we are not to find solace in our own strength we must seek it in God’s omnipotence”. (34)

Dedica-se de novo às letras e acaba um romance que os últimos acontecimentos tinham interrompido. “Shirley” publicado em 1849 vem desfazer o anonimato em que Charlotte se tem mantido até agora. Um natural de Haworth, residente em Liverpool, reconhece a paisagem e certas personagens do livro e chega á conclusão de que Currer Bell só pode ser a filha mais velha do reitor.

Charlotte conhece então quanto é grande a sua fama pois são muitos os que visitam Haworth para a conhecer.

Ainda publica em 1853 um livro, “Villette”, e prepara um prefácio à obra das irmãs, mandando editar à sua custa “Wuthering Heights” e “Agnes Grey”.

Se depois das expressões sinceras de pesar pela morte de Emily ainda é possível duvidar da amizade de Charlotte pela irmã, êste prefácio vem mostrar que quem assim pensa, labora num êrro.

Charlotte além de amiga é a primeira a reconhecer o valor da obra de Emily.

Nêstes últimos anos Charlotte visita Londres por varias vezes e aí conhece muitas individualidades de renome, criticos da sua obra e autores como Thackeray e Miss Hartineau; pousa para Richmond; visita exposições e assiste a reuniões organisadas em sua honra. Certo dia em que fôra ouvir uma conferencia de Thackeray, vê-se obrigada á saida a passar pelo meio de alas que o povo formara para a ver.

Se bem que a vida agitada da capital a arrancasse á monotonia de Haworth, Charlotte sente-se por vezes impotente para dominar os seus nervos. Ela desejara outrora a fama literária como o melhor meio de ingressar na sociedade, mas agora que a possui, reconhece que é demasiado tarde, pois a sua vida solitária tornara-a excitada e ela sente-se incapaz de conversar entre estranhos.

Mas na vida de Charlotte vai-se dar ainda uma grande mudança: ela que recusara três propostas de casamento, a ultima fora-lhe feita por Mr. Taylor, leitor da casa editora de Mr. Smith, recusa mais uma do cura ajudante de seu pai, Mr. Nicholls, que há muito lhe manifestava afeição. A recusa de Charlotte e a ira que se apossa de Mr. Brontë ao saber da pretensão do seu subordinado, fazem com que êste deixe Haworth, num grande estado de abatimento. Charlotte lamenta-o e sente que os seus sentimentos se vão modificando e a 29 de Março de 1854 realisa-se o seu casamento em que os unicos convidados são Ellen Nussey e Miss Wooler.

Charlotte espera ter uma felicidade relativa.

“The destiny which Providence in his goodness and wisdom seems to offer me will not, I am aware, be generally regarded as brilliant, but I trust I see in it some germs of real happiness.” (35)

Mostra-se contente porque Mr. Nicholls volta para Haworth e assim ela não abandonando o pai cumpre o seu dever filial.

A vida de casada é diferente, Charlotte é obrigada a ser mais pratica e nota que tem o tempo sempre ocupado; mesmo assim começa um novo romance “Emma” que já não chega a acabar e de que hoje temos um fragmento.

Um dia em que dá um passeio com o marido constipa-se e dias depois sente-se doente; consulta então um médico que atribui a sua falta de saúde ao facto de ela estar para ser mãe. Mas Charlotte piora, já quasi se não alimenta e cai num torpor de que desperta um dia ao ouvir orações murmuradas pelo marido.

Como que tem consciência do seu estado e murmura:

“I am not going to die, am I? He won't separate us - we have been so happy”. (35A)

Mas a 31 de Março de 1855 morre, contando trinta e nove anos, precisamente na altura em que a vida lhe prometia uma felicidade calma mas duradoura.

CAPÍTULO II

Análise dos romances

“I trust I shall never more feel ambitions to see my name in print” (36) escreve Charlotte a Southey quando êste a aconselha a desistir da carreira literaria, como impropria para uma mulher.

Mas sabia ela a quanto renunciava? Poderia sufocar por completo o sonho lindo que acalentava há tantos anos?

“We had very early cherished the dream of one day being authors” (37), diz no prefácio a “Wuthering Heights”.

Em Charlotte a tendência literaria era uma herança dos pais; já Mr. Brontë publicara quatro livros, dois em prosa e dois em verso, e Maria Branwell escrevera um artigo para ser publicado numa revista. Se êles não tiveram êxito com êstes trabalhos preparam, todavia, o ambiente em que os filhos desenvolveriam mais tarde as suas aptidões.

Aliada a esta tradição de família o sangue celta que lhe corria nas veias dá a Charlotte um forte poder imaginativo e ela acaba por esquecer o conselho de Southey e publica juntamente com as irmãs um livro de poemas. Êstes não lhe trazem fama pois valem mais como informação biografica do que como poesia. Charlotte raramente atinge a verdadeira expressão poética e ela mesmo confessa que do livro só tem valor os poemas de Emily enquanto os seus are juvenile productions, the restlen effervescence of a mind that would not be still” (38).

Deixando pois a sua obra poética, passemos a analisar os seus romances. Primeiramente “The Professor” que sendo o ultimo a ser publicado, só em 1856, já depois da sua morte, foi o primeiro a ser escrito.

“The Professor”

A obra literária de Charlotte Brontë é autobiografica; ela vai buscar material para os seus romances á sua propria vida.

Os anos que passara em Bruxelas tinham-na impressionado profundamente e em “The Professor” ela serve-se principalmente da experiencia que lá adquirira.

Cansada das quimeras do reino de Angria, achando exagerado o seu idealismo, Charlotte resolve agora cingir-se á pura realidade o mostrar o mundo tal e qual êle se lhe apresenta.

“I said to myself that my hero should work his way through life as I had seen real living men work theirs. As Adam’s son he should have Adam’s doom and drain throughout life a mixed and moderate cup of enjoyment.” (39)

Mas porque o romance nada tem de excitante, porque toda a história decorre sem grandes emoções, o livro não encontra editor e nem mais tarde, á sombra da sua fama, Charlotte consegue publicá-lo.

“The Professor” é nos contado na primeira pessoa, como aliás o são os outros romances de Charlotte, excepto “Shirley”. Aqui porem surge uma inovação: o narrador é um homem, portanto os factos são-nos apresentados sob o ponto de vista masculino.

Crimsworth conta-nos a sua vida: Tendo acabado os estudos em Eton College, corta relações com os tios maternos e procura a protecção

do irmão mais velho, Edward, um rico industrial. Fica como empregado na fábrica dêste que não lhe tem afecto e que se mostra um patrão despotico e invejoso da sua superioridade intelectual.

Crimsworth sofre imensas humilhações até que um dia perde o emprego graças á intervenção dum estranho amigo, Hudson, que o aconselha a partir para Bruxelas. Aí entra como professor de inglês para um colégio de rapazes, dirigido por M. Pelet, e algum tempo depois dá tambem lições num colégio visinho, de meninas. Crimsworth quasi se apaixona pela directora desse colegio, Mlle.Zoraide, mas descobre a tempo que ela está noiva de M.Pelet e o seu amor redunda em desprêzo.

Sente-se então atraído pelos encantos de uma sua aluna, de origem suíça, Frances Henri e embora Mlle.Zoraide tente opor-se a esta afeição, os dois acabam por casar. Crimsworth consegue o lugar de professor de inglês na Universidade de Bruxelas, e Frances funda um colegio. Graças ás economias que os dois foram acumulando partem para Inglaterra ainda a tempo de aí educarem o seu filho unico, que como o pai, frequentará o Etton College.

A propria Charlotte aponta os defeitos do seu livro:

“I found the beginning very feeble, the whole narrative deficient in incident and in general attractiveness. Yet the middle and later portion of the work, all relates to Brussels, the Belgian school, ect, is as good as I can write.” (40)

De facto sempre que Charlotte se serve da sua experiencia, o quadro que ela descreve surge a nossos olhos com cores verdadeiras e precisas. Ao escrever o livro ela ainda tinha bem presentes na memoria as impressões da sua vida no pensionato de Mme.Heger por isso as imagens que nos dá da vida no colegio são muito boas, se bem que

em “Villette” as exceda.

É Charlotte que fala pela boca de Crimsworth das suas tentativas como professora, da inferioridade intelectual e moral dos belgas, do contraste entre a educação católica e a protestante.

“I could at a glance distinguish the daughter of Albion and nursling of Protestantism from the forster-child of Rome, the protégée of jesuitry: Proud too was the aspect of these British girls; at once envied and ridiculed by their Continental associates, they warded off insult with austere civility and met hate with mute disdain; they eschewed company-keeping and in the midst of numbers seemed to dwell isolated.” (41)

É afinal a sua própria situação em Bruxelas que ela descreve, e Charlotte que se sentira chocada pela religião e carácter dos belgas exprime aqui de maneira bastante severa as suas opiniões.

Obedecendo aos princípios expostos no prefácio, Charlotte não nos dá um herói perfeito. Crimsworth não tem feições correctas, é orgulhoso e sujeito á hipocondria; o seu ponto fraco é o sentimental, como lhe diz M. Pelet, que êle tenta esconder sob uma aparência de reserva e severidade.

Ao sentir-se prender pelos encantos de Mlle. Zoraide e ao descobrir depois o logro de que era vítima, a sua fisionomia endurece porque o feriram no seu amor próprio. Mas Crimsworth não se entrega ao desespero, “activity soon mitigates regret” (42) e pela perseverança consegue da vida o que quer. Charlotte dá-lhe sólidos princípios morais e fá-lo obedecer ao dever. Mas Crimsworth exprime os sentimentos duma mulher, é uma mulher que o faz pensar e agir e o herói ressentir-se dêste domínio feminino. Charlotte ao apresentá-lo subjectivamente, fá-lo perder o seu vigor varonil.

Além disso, Crimsworth nunca desperta a nossa simpatia, é demasiado pretensioso.

Em Hudson temos um caracter impetuoso e extravagante, inspirado no pai de Henry Taylor. Hudson choca-nos pelas suas maneiras rudes mas desperta o nosso interêsse.

É êle que faz com que Crimsworth seja despedido, não porque sinta especial simpatia por êle, mas porque se insurge contra a tirania de Edward.

“We are reformers born, radical reformers” (81) diz a Crimsworth, mas apesar disso pergunta a que classe pertence a futura mulher do amigo quando aquêle lhe anuncia que vai casar. Hudson protesta contra todos e ri-se dos ideais dos outros, mas para lá da sua indiferença e insensibilidade guarda um segredo de amor, o amor por Lucia. Hudson humaniza-se então aos nossos olhos, êle tambem sofreu, porem quer ser superior ás fraquezas humanas e por isso se serve do riso e do desprezo para as combater.

Hudson é um caracter original e é pena que não tenha um papel maior e mais coordenado no romance.

Mas de todas as personagens é Frances que desperta toda a nossa simpatia. As outras heroínas de Charlotte não conseguem ofuscar o encanto e gentileza desta.

Frances, docil e franzina, desperta a atenção do professor pela diferença que há entre ela e as companheiras se vemos que ao contacto do amor perde a habitual timidez e toma personalidade.

Frances é paciente, nunca pede á vida mais do que ela lhe dá mas trabalha sempre com coragem e confiança no futuro.

Ela é em parte a propria Charlotte: quando Crimsworth lhe diz que ela não precisará de trabalhar quando casarem e poderá dedicar

o tempo a ler e estudar, coisas que ela tanto gosta, Frances replica:

“Monsieur I could not; I like a contemplative life, but I like an active life better. I must act in some way and act with you”. (43)

Não ansiava também Charlotte por uma vida mais activa?

Frances é uma figura simples e encantadora, que se move sempre com perfeito á vontade; embora seja uma criação da fantasia não ficaria deslocada na vida real.

Charlotte estabelece o contraste dominante entre o mundanismo de Zoraide e a integridade de Frances.

Mlle. Zoraide, o retrato da Mme.Héger, é dissimulada e vigilante, velando pelos seus interesses e tentando insinuar-se no espirito do professor inglês. Os seus princípios morais não são tão sólidos como os de Frances ou de Crimsworth, pois ela não olha a meios para conseguir os seus fins. Fingindo-se absorvida pelo seu tricot, vai observando tudo o que se passa á sua volta e quando alguma coisa lhe desagrada intervem então, mas de tal modo, que ninguém dá pela sua manobra. Para Zoraide a astucia é a sua maior arma.

A par desta figura sugestiva temos M. Pelet, agradável, alegre mas hipócrita.

Das alunas dá-nos Charlotte retratos minuciosos que revelam as suas qualidades de observação.

A paixão que ela tão bem sabe exprimir é aqui moderada e ás cenas de amor entre Crimsworth e Frances falta o cunho da realidade. “The Professor” é uma experiencia de romancista. Charlotte cingindo-se á pura realidade não consegue agradar, embora o

romance não seja despromovido de intrêsse e até seja um dos enrêdos mais verosimeis dos seus livros, mas nêle nada havia que empolgasse e

Charlotte verifica que “Men in business are usually thought to prefer the real; on trial the idea is fallacious; a passionate preference for the wild, wonderful and thrilling- the strange, starling and harrowing agitates divers souls that show a calm and sober surface.” (44)

- Jane Eyre -

Enquanto The Professor “was plodding its weary round in London” (45) Charlotte inicia um novo romance e encorajada pela carta de Mr. Smith acaba-o rapidamente.

Em Outubro de 1847 sai a publico “Jane Eyre” que entusiasma e choca os seus contemporaneos.

O autor Currer Bell, é um desconhecido no mundo das letras, mas o seu livro tem algo de novo que faz vibrar os mais exaltados entre êles Thackeray, que diz:

“How well I remember the delight and wonder and pleasure with which I read Jane Eyre, sent to me by the author whose name and sex were then a little unknown to me; the strange fascination of the book and how, with my own work pressing upon me, I could not having taken the volumes up, lay them down until they were read through.” (45A)

O livro constitue de facto um verdadeiro exito literario para a sua epoca e assim é que três meses depois da sua publicação aparece uma segunda edição.

Mas a par dos aplausos “Jane Eyre” é criticada severamente pelos moralistas victorianos que o consideram um livro imoral.

Charlotte ao descrever a paixão em toda a sua intensidade despreza as convenções dos seus contemporâneos.

Jane Eyre é a história duma pobre perceptora, sem família nem amigos, que vence na vida graças á sua força de vontade e integridade de caracter.

Criança órfã, Jane Eyre vive por esmola em casa de sua tia Mrs.Reed. Sem o afecto de ninguem, só Bessie, a criada, se interessa um pouco por ela, a pequenita vai suportando as insolencias do primo John e os castigos injustos da tia. Mas um dia revolta-se contra esta tirania e a sua existencia naquela casa torna-se insuportavel.

Vai então para uma escola, Lowood, onde apesar da disciplina severa, da fome e do frio, se sente feliz. Aí permanece oito anos, primeiro como aluna, depois como professora, mas ao fim dêsse tempo Jane quer saber o que está para lá das paredes do collegio, e resolve tomar um contacto mais íntimo com o mundo.

Arranja um lugar como perceptora duma pequena francesa e parte para Thornfield. Jane sente-se aí atraída pelo seu patrão, Rochester, homem mundano, que se serve de varios meios para excitar a paixão da rapariguinha ingenua e inteligente que êle admira.

E assim apesar da diferença de idade e condição o seu casamento está para se realizar quando a cerimonia é interrompida por um impedimento: Rochester era casado e a mulher, louca vivia em Thornfield. Sabe-se então que uma serie de incidentes misteriosos que se dão no decorrer do romance, uma tentativa de matar Mr. Rochester, uma estranha aparição que despedaça o veu de noivado de Jane, o rir demoniaco e abafado que se ouve por vezes em Thornfield, são tudo obra de Berta Rochester sempre e ela consegue iludir a vigilancia da sua guarda e foge da sua prisão.

Rochester impedido de cometer bigamia, tenta persuadir Jane a ser sua amante, mas esta recusa e receando a tentação foge de Thornfield.

Perdendo o pouco dinheiro que levava consigo, Jane vagueia pelo campo, e sofre torturas de fome até que por fim cai exausta junto dum casa onde a não quizeram recolher. A chegada providencial do dono desta, que era padre, traz-lhe o auxilio desejado.

Jane encontra assim um lar e tambem uma família pois vem a descobrir mais tarde que St. John, assim se chama o padre, e as irmãs dêste são afinal seus primos. Jane sabe-o quando recebe uma herança dum tio da Madeira cuja existencia ela ignorara até á morte de Mrs. Reed, e resolve então repartir o dinheiro com os primos continuando a viver na sua companhia.

St. John que estava para partir para a India como missionario descobre que Jane tem qualidades excelentes para uma vida de sacrifício e tenta convence-la a acompanhá-lo como sua mulher, não por que a ame mas porque os serviços dela são necessários a Deus.

Jane, que primeiro recusa, está quasi tentada a ceder aos pedidos de St. John quando ouve a voz de Rochester que a chama.

Parte então para Thornfield para encontrar a casa em ruinas e sabe que Berta lhe tinha deitado fogo e que morrera, enquanto Mr. Rochester ao tentar salvá-la ficara cego e sem um braço e vivia agora isolado numa sua propriedade.

Jane apressa-se a ir ao encontro do seu amado e uma vez que êle é livre, casam. Deus abençoou a sua união dando-lhes um filho e permitiu que Rochester recuperasse a vista dum dos olhos.

Eis um breve resumo do romance que como o anterior é autobiográfico. “Jane Eyre” assemelha-se à história da “Gata Borralheira”, mas Charlotte dá-lhe um fim mais real.

Se Jane consegue de facto ver realizados os seus desejos prova primeiro o amargo da derrota e só depois saboreia um futuro feliz mas que não é brilhante. Jane casa com o homem que ama, mas êle já não é o homem varonil doutros tempos, é um farrapo do que fôra, e é Jane que agora lhe dá coragem.

Ao apresentar-nos a sua heroína, Charlotte não copia o modelo de beleza dos seus contemporaneos; dá-nos pelo contrário uma heroína como ela própria, de pequena estatura e feições irregulares. Bessie, ao visita-la em Lowood, diz na sua rude franqueza:

“You are genteel enough; you look like a lady and it is as much as I ever expected of you: you were no beauty as a child” mas para consolar, acrescenta:

“I dare say you are clever though. What can you do? Can you play the piano?” (46)

É precisamente no seu espirito inteligente e recto que reside todo o poder de Jane. Ela suprime as deficiências de beleza pelos seus dotes intelectuais.

Mas Jane tem uma natureza sensível, quer ao bem quer ao mal. Sob a sua aparência calma esconde um temperamento exaltado. Assim é que ainda criança ao vêr-se acusada injustamente de mentirosa pela tia exclama:

“I am not deceitful: If I were I should say I loved you; but I declare I do not love you: I dislike you the worst of anybody in the world except John Reed; and this boot about the liar you

may give to your girl, Georgine, for is she who tells lies, and not I.” (47)

As suas palavras são como que um desabafo e nelas vibra toda a repulsa do seu coração infantil.

Mais tarde o seu amor por Mr. Rochester fá-la proferir com o mesmo ardor palavras que chocaram os seus contemporaneos que não estavam habituados a ouvi-las da boca duma mulher.

É uma das cenas mais belas do livro essa em que os dois apaixonados passeiam no pomar por uma tarde tépida de verão e em que Rochester faz crêr a Jane que vai casar com Miss Ingram. Tentando de balde esconder os seus sentimentos Jane num ímpeto de revolta e amor ofendido deixa falar livremente o seu coração apaixonado:

“Do you think I can stay to become nothing to you?

Do you think I am an automaton? A machine without feelings? And can bear to have my morsel of bread snatched from my lips and my drop of living water dashed from my cup?

Do you think because I am poor, obscure, plain and little I am soulless and heartless?

You think wrong! –I have as much soul as you – and gull as much heart! And if God had gifted me with some beauty and much wealth, I should have made it as hard for you to

leave me, as it is now for me to leave you. I am not talking to you now through the medium of custom, conventionalities or even of mortal flesh: it is my spirit who addresses your

spirit; just as if both had passed through the grave and we stood at God’s feet, equal-as we are!” (48)

Era assim Jane - pequena na altura mas grande na manifestação da

sua paixão. Desprezando as convenções humanas ela revela todo o sofrimento duma alma torturada pelo amor.

Mas por muito apaixonada que esteja, Jane não esquece o seu dever e, embora se sinta por momentos atraída para o abismo, que será a sua perdição, reconsidera.

Se não tem ninguém de família a quem a sua conduta vá ferir deve respeito a si própria.

“I care for myself. The more solitary, the more friendless the more unsustained I am, the more I will respect myself.” (49)

E Jane foge á felicidade para manter a sua integridade moral. Apesar da perfídia de Rochester ela continua a amá-lo e por isso mais tarde se recusa a acompanhar St. John á India como sua mulher porque repudia a ideia da “to be chained for life to man who regarded one but as an useful tool.” (50)

Para Jane o amor é um sentimento sublime pelo qual se dá a união absoluta de dois seres que se compreendem. Jane torna-se numa figura típica pela violencia das suas paixões e pela revelação dos sentimentos mais intimos duma mulher.

A sua conduta recta e o seu character firme, e obediente sempre ao dever fazem dela o modelo ideal de toda a rapariga que quer ganhar o seu quinhão de felicidade na vida.

Jane Eyre é uma figura inesquecível.

A par dela consideramos Rochester, o homem mundano e sem escrúpulos que não recua perante o impossível.

Sendo casado não lhe é permitido desposar Jane, que lhe dará a felicidade, mas os principios morais de Rochester são demasiado fracos para o impedirem de cometer bigamia e êle desafia todo aquêl que tenta opor-se ao seu intento.

“God pardon me! And man meddle not with me: I have her and will hold her” (51)
murmura quando Jane consente em ser sua mulher.

O passado moral de Mr. Rochester não é edificante e só a sua infelicidade conjugal diminui a sua culpa.

Rochester é orgulhoso, brusco, de disposição variável, ora se mostra distante ora comunicativo. A sua fisionomia não é bela mas a sua figura máscula e o seu carácter forte atraem a nossa simpatia.

Rochester não é totalmente desprovido de bondade pois encarrega-se da educação de Adele, que ele afirma não ser sua filha e embora odeie a mulher, que fez a sua infelicidade, é incapaz de a tratar mal. Quando Mason o visita e ao partir lhe pede para tratar a irmã com ternura ele replica:

“I do my best; and have done it, and will do it,” (52)

Senhor dum carácter impetuoso, não suportando uma desobediência às suas ordens, Rochester torna-se docil para Jane e ela faz dele o que quer.

No fim do livro Rochester aparece modificado; perde toda a sua arrogância e cepticismo. A dor de ter perdido Jane transforma-o e ele atribui a sua deformidade física a um castigo do céu.

Arrepende-se então das faltas que cometera e surge-nos como um homem regenerado:

“Of late, Jane- only of late- I began to see and acknowledge the hand of God in my doom. I began to experience remorse, repentance; the wish for reconciliation to my Maker. I began sometimes to pray: very brief prayers they were, but very sincere.” (53)

E Deus corresponde ao seu apelo dando-lhe a felicidade. Rochester representa um tipo ideal que só existe na imaginação de Charlotte. A intensidade da sua natureza masculina fá-lo viver numa esfera para lá da realidade.

St. John é também um dos caracteres mais interessantes do livro. É um perfeito contraste de Rochester. Ao delinear esta figura Charlotte lembra-se por certo do irmão da amiga, Henry Nussey, mas só nos seus traços gerais.

St. John é ainda novo, de feições muito correctas, cumpridor do seu dever. Renuncia ao amor de Rosamond que lhe trará apenas o prazer momentâneo dos sentidos e dedica-se á carreira missionaria que lhe dará a perfeição a que êle aspira. A sua natureza ambiciosa fá-lo assim desprezar as alegrias terrenas para atingir o sublime. É-lhe impossível renunciar á sua missão que segundo êle diz:

“It is dearer to me than the blood in my veins. It is what I have to look forward to, and to live for.” (54)

E o auto-dominio que exerce para refrear as suas paixões dá-lhe um certo orgulho.

St. John que é meigo e compreensivo torna-se cruel e obstinado quando se trata da sua missão.

“He forgets pitilessly the feelings and claims of little people in pursuing his own large views.” (55)

E assim tenta persuadir Jane a acompanhá-lo á India como sua mulher. As suas palavras não são de um apaixonado mas sim dum frio calculista.

“God and nature intended you for a missionary’s wife. It is not personal but mental endowments they have given you: you are formed for labour not for love.

A missionary’s wife you must - shall be. You shall be mine. I claim you - not for my pleasure but for my Sovereign’s service” (56).

A sua vida é feita de renuncia e êle insiste para que Jane renuncie também.

“St. John tem as fraquezas dum despota e as virtudes dum apostolo” (57). É egoísta na realização dos seus intentos mas é grande na sua fé e inteira consagração a Deus.

“I saw he was of the material from which nature hews her heroes - Christian and Pagan - her lawgivers, her statesmen, her conquerors: a stead-fast bulwark for great interests to rest upon.” (58) diz Jane, ao observá-lo. St. John de facto foi feito para grandes empresas e o sacrificio da sua vida não resulta vão, pois êle antevê a recompensa duma bemaventurança perene.

Dos outros caracteres do livro temos descrições mais breves mas precisas: Mrs. Reed, dura e impiedosa, Mrs. Fairfax boa e simples, a pequena Adèle irrequieta mas amorosa. Miss. Ingram, pretensa noiva de Rochester, é formosa mas não tem o dom de encantar o noivo. É orgulhosa e usa por vezes uma linguagem que não é edificante. Charlotte opõe esta beldade, tipo de verdadeira heroína dos romances de então, á figura apagada de Jane, mas esta saiu vencedora da comparação.

Surpreende-nos a descrição da infancia de Jane, pela sua profundeza. Sidney Dobell referindo-se a ela diz:

“The author has superiors in composition, in construction in range of fancy, in delicacy

of conception in felicity of execution, in width of grasp in height and depth of thought. She has no living rival in the faculty of imposing belief.” (59)

Charlotte recorda nesta passagem a sua própria infância e Lowood não é mais do que a escola de Cowan Bridge.

Grande tem sido a discussão em saber se o retrato que Charlotte nos dá aqui da sua vida escolar é fiel ou não. São muitos os que dizem que ela exagerou esta descrição pintando-a com côres demasiado carregadas. Mas Cowan Bridge era uma instituição de caridade e não nos repugna supôr que o seu tratamento não fôsse recomendavel.

Quer exagerando quer não, Charlotte dá-nos nesta passagem o melhor da sua arte como romancista.

Na figura de Helen Burnes reconhecemos muitos traços da sua irmã mais velha, Maria, e todo o amor e carinho que Charlotte lhe dedicava perpassa nestas paginas imorredoiras.

Helen, desarranjada e distraida, ensina a pequena Jane a suportar as contrariedades e a ter resignação.

Helen é frequentes vezes castigada mas alheia-se do mundo que a rodeia e paira em regiões inacessíveis aos mortais. A cena da sua morte, tão singela e calma, compunge-nos e não a esquecemos facilmente. Charlotte aborda com a maior naturalidade um dos problemas mais profundos de existencia humana, e torna-o sublime pelo seu lirismo.

O romance em si é rico em incidentes fantasticos, em perigos terriveis e acasos surpreendentes. Charlotte volta aos tempos romanticos de Angria e deixa trabalhar livremente a sua fantasia.

Recorre ao elemento melodramático, frequenta naquela época, para despertar mais

vivamente o interesse do leitor.

Se a existência da louca em Thornfield e o desconhecimento por parte dos seus habitantes de que ela é a mulher legítima de Rochester não é tão inconcebível como pode parecer á primeira vista, a coincidência de Jane em encontrar parentes nas pessoas de St. John e das irmãs, é mais extraordinário.

A estrutura do romance não é também perfeita.

Podemos distinguir três partes, constituindo cada uma delas um drama em si, na primeira, formada pela infância de Jane, esta é a figura central; na segunda a acção gira á volta de Jane e Rochester; na terceira, Rochester dá o seu lugar a St. John que com Jane tem o papel principal na acção.

Jane é pois o elemento de união das três partes do romance.

Mas se “Jane Eyre” tem defeitos quanto á técnica, não esqueçamos que Charlotte Brontë tinha o dom de escrever segundo o impulso do seu coração. Ela é sobretudo grande ao descrever a paixão e as cenas entre Rochester e Jane são admiráveis pela violência do seu amor.

Note-se todavia que Charlotte não atinge um nível tão elevado quando trata o lado animal da paixão. A cena em que Rochester tenta convencer Jane a ser sua amante, prolonga-se demasiado, e a sinceridade dos sentimentos expressos perde-se num elaborado de frases cuidadas.

Mas se o estilo é por vezes demasiado pomposo quando Charlotte escreve com naturalidade êle é um modelo de perfeição.

São originais também os diálogos entre Jane e Rochester em que Charlotte nos dá uma faceta cômica.

Assim Jane ri-se do ar grave de Rochester e pergunta se será esse o seu aspecto quando casar; êste em contrapartida diz-lhe que foi ela a primeira a declarar o seu amor.

Charlotte é superior na descrição dos ambientes; lembremos o quarto vermelho, onde a tia a fecha quando criança, e os magníficos quadros de natureza em que perpassa toda a sua sensibilidade de artista.

Charlotte receando a recepção que os criticos fariam á sua obra escreve ao seu editor:

“What will the critics of the monthly reviews and magazines be likely to see in Jane Eyre? It has no learning, no research, it discusses no subject of public interest. A mere domestic novel will I fear seem trivial to men of large views and solid attainments.” (60)

Mas “Jane Eyre” não podia ser um romance trivial para a sua epoca. Ela era a revelação dos sentimentos mais intimos duma mulher, a confissão duma alma torturada pelo amor, e o publico que até então não estava habituado a ver a descoberto tais sentimentos sente-se prender irresistivelmente pelo livro.

Embora tecnicamente não seja o romance mais perfeito de Charlotte Brontë êle é todavia o predilecto.

- Shirley -

Currer Bell já não é um nome desconhecido no mundo das letras, por issi quando Charlotte se dispõe a escrever um novo romance, consciente da responsabilidade que a fama de “Jane Eyre” lhe trouxera, tenta corresponder ás esperanças daqueles que confiaram nos seus dotes literários.

“Shirley” porém desaponta os seus admiradores. Eles esperavam um romance excitante, rico em emoções fortes com uma heroína complicada como Jane, e nada disso sucede.

Logo de início Charlotte previne o leitor:

“Do you anticipate sentiment and poetry and reverie? Do you expect passion and stimulus and melodrama? Calm your expectations; reduce them to a lowly standard. Something real, cool and solid lies before you.” (61)

Ao proceder assim tomaria em consideração certas críticas feitas ao sentimento exaltado de “Jane Eyre”? Tentaria imitar Jane Austen como lhe aconselhava G. Lewes?

O que é certo é que Charlotte adota um tom moderado e não encontramos neste seu romance a vivacidade de expressão e o ardor na paixão a que “Jane Eyre” nos habituara.

Charlotte em carta a James Taylor fala do cuidado que tomara com o romance, do tempo que lhe dedicara, mas confessa que “great part of it was written under the shadow of impending calamity; and the last volume, I cannot deny, was composed in the eager, restless endeavour to combat mental sufferings that were scarcely tolerable.” (62)

Charlotte começara a escrever o seu romance quando a conduta de Branwell era uma preocupação para a família; vem depois a sua morte, logo seguida da de Emily e de Anne. Charlotte interrompe a narração e quando depois a retoma, escreve para esquecer a sua tristeza. É evidente que o romance se ressentiu do período agitado em que é escrito e a partir do capítulo “The Valley of the Shadow of Death”, onde se dera a interrupção, nota-se uma acentuada melancolia.

Se “Shirley” não alcança o mesmo êxito que “Jane Eyre” desperta porém o interesse do povo de Yorkshire pois o livro é essencialmente regional.

Charlotte relata certos acontecimentos históricos ocorridos anos antes, quando as guerras napoleônicas afetaram gravemente o comércio britânico ocasionando uma pausa na sua exportação devido ao Bloqueio Continental. Entretanto a introdução das novas máquinas lança muitos trabalhadores na miséria e eles revoltam-se contra a sua condição de vida e procuram destruir esses instrumentos que arruinam a mão de obra e lhes vêm roubar o seu ganha-pão.

Em Roe Head, Charlotte teria ouvido falar desses tempos e da história do proprietário duma fábrica, Mr. Cartwright, que com quatro trabalhadores e cinco soldados resistira a um assalto feito à sua fábrica pelos revoltosos.

É à volta desse assunto que gira o enredo do livro e Charlotte para dar uma fiel descrição da época que apresenta, manda vir de Leeds uma colocação de “Mercuries” dando assim uma base histórica ao seu romance.

Robert Moore, que no romance representa Mr. Cartwright, tenta por todos os meios restaurar a sua fortuna arruinada. Arrenda uma fábrica e introduz nela as novas máquinas, o que origina a animosidade dos operários. A guerra, o governo e os próprios operários prejudicam-lhe o negócio mas quando ele está quasi à beira da mina surge um auxílio inesperado.

Shirley, proprietária da fábrica, vem residir na vizinhança, na sua casa de Fieldhead, trazendo na sua companhia, Mrs. Pryor, sua antiga preceptora. Shirley interessa-se pelos negócios de Robert e ao mesmo tempo que lhe dá ajuda monetária mostra ter por ele uma preferência especial. Carolina Helstone, sobrinha do reitor, é ainda prima afastada de

Robert que a ama e sabe ser correspondido, mas as dificuldades que surgem na sua vida impedem-no de encarar o problema sentimental e êle ora se mostra terno ora distante.

Mas quando aparece Shirley, Robert, com espirito puramente mercantil faz a côrte á rica herdeira, pensando no futuro da sua fábrica.

Mr. York, industrial muito respeitado na região, amigo de Shirley e de Robert, aprova a provavel união entre os dois mas para nosso espanto Shirley rejeita Robert e só mais tarde compreendemos que a afeição que ela mostrara sentir por êle era devido ao amor que dedicava ao irmão, Louis Moore, perceptor em casa duns tios dela e de quem Shirley tinha sido aluna.

A visita desses tios a Fieldhead, ocasiona um encontro entre Shirley e Louis, que primeiro se mostram indiferentes mas que acabam por revelar os seus verdadeiros sentimentos apaixonados e resolvem casar, com grande escandalo do tio de Shirley, Mr.Sympson, que queria casar a sobrinha com um noivo da sua condição.

Carolina que se tornara amiga de Shirley, ao notar no início o grau de intimidade que havia entre ela e Robert, renuncia ao seu amor e acaba por adoecer gravemente pois nada a pode prender á vida. Dá-se então uma revelação surpreendente: a mãe de Carolina que ela não conhecia pois depois da morte do pai ficara a viver com o tio reitor, aparece na figura de Mrs.Pryor, que nunca procurara a filha receando que ela tivesse herdado os defeitos do pai. Entre Carolina e Mrs. Pryor surgira uma grande simpatia e esta agora aproveita a ocasião para confessar a sua identidade; graças aos seus cuidados maternais consegue que a filha recupere a saúde, e mais tarde a felicidade, quando Robert,

revogadas as leis que prejudicavam o seu comercio, lhe oferece o seu amor.

No decorrer do romance há uma festa aldeã, um assalto á fábrica de Robert, reuniões familiares em que nos são apresentadas as figuras características de três curas.

Nêste romance Charlotte serve-se de muitos caracteres tirados da vida real, se bem que modificados ao sabor da sua fantasia:

“The heroines are abstractions and the heroes also. Qualities I have seen, loved and admired are here and there put in as decorative gems.” (63)

Shirley é o retrato idealizado de Emily, embora os seus caracteres difiram por vezes.

Shirley é alegre e comunicativa enquanto Emily era silenciosa e pouco sociável. Mas as duas são irmãs na coragem, na generosidade no amor pelos animais. Shirley dedica especial amizade ao seu feio cão Tartar que não é outro senão o Keeper de Emily; como esta Shirley é mordida por um cão raivoso e também ela propria cauteriza a ferida.

Gosta que a tratem por “capitão” e não pode dedicar-se a trabalhos femininos. Por vezes fica-se esquecida, sentada na relva, contemplando o ceu em extase mistico.

Shirley constitue o verdadeiro merito do livro e surpreende-nos que sendo a principal personagem não intervenha logo no inicio da acção e só apareça mais tarde.

Shirley é natural de Yorkshire “in blood and birth.” (64)

A sua natureza franca e generosa aproxima-se de Carolina de quem se torna amiga embora os seus temperamentos sejam bastante diferentes.

Shirley sente-se bem no meio da multidão, mostra-se hospitaleira e até garrida para com os velhos amigos York e Helstone sabendo sempre o meio de os levar a fazer o que deseja. Não se adapta a uma vida sempre igual e anseia pelo perigo; assim temerariamente corre de noite com Carolina até á fábrica de Robert para o prevenir de que lhe preparam um assalto e assiste a êste com o espirito prático dum homem.

Shirley aceita as atenções de Robert, diverte-se com a atitude dos curas, mas é demasiado independente para tolerar uma insolencia e por isso põe Donne fora da sua casa quando êle deprime o povo de Yorkshire.

O character intrépido de Shirley fá-la tomar atitudes de verdadeiro cavalheiro junto de outras mulheres e sob esta apparencia masculina toma regalias que não são permitidas ao sexo fraco.

Shirley ama Louis, é no entanto demasiado orgulhosa para ceder mesmo quando se trata do seu coração.

Recusa sucessivamente varias propostas de casamento, com grande espanto do tio, mas abstem-se de revelar os seus sentimentos.

A attitude para com Louis é enigmática, mostra-se indifferente para com êle, mas quando receia estar atacada de hidrofobia só a êle confia o seu segredo.

Se da parte de Shirley há orgulho em conservar os seus direitos femininos da parte de Louis não o há menos porque êle não esquece a sua pobreza e a sua condição humilde em face da riqueza de Shirley, por isso lhe diz:

“I am a dependent: I know my place.”

Mas Shirley replica:

“I am a woman; I know mine.” (65)

Shirley não é dominada pela paixão como Jane Eyre; ela pode viver sem o amor daquele que ama e continuar independente. Quando ela diz:

“Go I can be left” (82) é bem a própria Emily, desafiando o mundo que a rodeia.

Na última parte do livro Shirley aparece-nos docil e submissa. Esta alteração é devida à interrupção que o livro sofrera; Charlotte depois de assistir ao sofrimento e morte de Emily toma um tom melancólico e modifica o carácter de heroína. Se Emily não tivesse morrido, talvez o desfecho do romance fosse diferente, talvez Shirley nunca tivesse renunciado à sua liberdade, que é afinal a sua principal característica.

Em oposição a Shirley temos Carolina, meiga, reservada e calma, verdadeiro tipo da sua época, preferindo sucumbir à dor do que dar livre expressão aos seus sentimentos apaixonados.

Pretendem uns que Carolina é o retrato de Anne, outros que é o da fiel amiga de Charlotte, Hellen Nussey, mas o que é certo é que Carolina exprime também o próprio pensar da autora.

Carolina reúne em si a paixão, e embora esconda os seus sentimentos, mostra a intensidade do seu amor incompreendido, quando a sós no seu quarto.

Ela afasta-se quando crê que entre Shirley e Robert existe um amor recíproco; mas se lhe é impedido partilhar a vida de Robert também não quer a sua amizade.

“I will either be all or nothing to a man like Robert.” (66)

Tentando esquecer o seu amor impossível, Carolina emprega o seu tempo em obras para os pobres, mas o seu pensamento trabalha sempre e ela vê então como é humilhante a situação da mulher solteira na sociedade e como a vida masculina difere da feminina.

“Existence never was originally meant to be that useless, blank, slow-trailing thing it often becomes to many and is becoming to me among the rest.” (67)

Mas Carolina é fraca para fazer ouvir o seu protesto e resigna-se com o seu destino.

A sua vida consome-se toda no sentimento de amor, mas é um amor moderado se bem que constante.

Robert Moore, o herói masculino, é um carácter enérgico que vive para o seu negócio como St. John vivera para a sua vida missionária. Destemido não desiste facilmente dos seus intentos nem desanima ao primeiro fracasso. Ao saber destruídas as máquinas que comprara para a sua fábrica sorri estranhamente e esse é “The smile the man of determined spirit wears when he reaches a juncture in his life where this determined spirit is to feel a demand on its strength, when the strain is to be made and the faculty must bear or break.” (68)

Robert não recua perante os adversários e compra novas máquinas. Homem prudente, sabendo que era odiado mantém-se na defensiva e quando uma noite os revoltosos atacam a sua fábrica ele dispersa-os com a firme resistência que lhes opõe. Mas embora vencedor não é vingativo, o que êle deseja é que o deixem trabalhar livremente.

Assim como St. John sacrifica à sua missão o amor por Rosamond também Robert faz por esquecer os encantos de Carolina porque para um homem nas suas condições o casamento é uma utopia.

“Marriage and love are superfluities, intended only for the rich who leave at ease and have no need to take thought for the morrow; or desperations, the last and reckless joy of the deeply wretched, who never hope to rise out the slough of their utter poverty.” (83)

Revolta-o a sua fraqueza sentimental e obedecendo á razão afasta-se de Carolina e chega a propor casamento a Shirley que não ama mas que resolverá o seu problema monetario.

Em Robert distinguem-se duas naturezas: a do homem de negocios e a do sentimental; esta acaba por se sobrepor á primeira e Robert faz a sua felicidade e a de Carolina.

Robert apesar de orgulhoso, obstinado e ambicioso torna-se uma figura simpatica porque reconhece os erros que pratica.

Louis Moore difere muito do irmão, na profissão e no temperamento. Não é uma figura de relevo como a de Robert pois enquanto êste é masculino Louis não passa duma personagem efeminada. Tem orgulho na sua pobreza e aparenta ter por Shirley uma indiferença que não sente. Os seus sentimentos são falhos de sinceridade pois que os exprime numa linguagem cheia de metáforas.

Entre as figuras masculinas cumpre destacar a de Mr. York, inspirado no pai de Mary Taylor; Charlotte não se limita a apresentar o pai da amiga mas toda a família, com os seus costumes puramente de Yorkshire. Rosa, Jessy e os irmãos, representam respectivamente Mary, Martha e os irmãos Taylor.

Mr. York tem um caracter independente, rude e orgulhoso; não admite que alguém seja seu superior mas é bondoso e amigo dos seus inferiores. Radical não suporta os padres, especialmente Helstone, que além de ser reitor, casara com a mulher que tinha cativado o seu coração de rapaz.

Como Hudson é um amor infeliz que o torna sentimental.

Helstone é também um caracter típico no livro inspirado parte em Mr. Brontë, parte em Mr. Robesson que tivera papel importante nos acontecimentos que Charlotte descreve. Segundo êle “you go out to gossip; You come home to read and reflect.” (69)

De facto, se bem que comunicativo em sociedade, Helstone mostra-se reservado em casa e quasi se abstrai por completo da existencia da sobrinha; só quando Carolina adocece gravemente toma uma subita ternura por ela.

É um caracter rude, energico, severo no cumprimento dos seus deveres.

Os operários são figuras características: Joe Scott, homem de poucas palavras, desprezando a inteligencia das mulheres, é o verdadeiro tipo da gente de Yorkshire; William Farren, orgulhoso e honrado tenta persuadir Robert da insensatês do seu proceder com palavras sensatas:

“Invention may be all right but I know it isn’t right for poor folk to starve.” (84)

Charlotte apresenta tambem uma critica aos curas Malone, Sweeting e Donne que se mostram orgulhosos pela sua dignidade eclesiastica quando afinal Miss Anley ou Miss Mann, são muito mais dignas de veneração pelas suas obras de caridade, do que êles.

Soubesse Charlotte que as personagens do seu livro eram tão facilmente identificadas e talvez não criticasse tão duramente os defeitos dos curas pois ao fazê-lo ela baseia-se nos originais.

Mas se êles se ofenderam com essa critica, depressa a esqueceram pois cada um se regosijava por vêr a descoberto os fracos dos outros dois...

Ao satirizar os curas Charlotte dá-nos algumas cenas cómicas como quando descreve as tentativas feitas por Malone para agradar primeiro a Carolina, depois a Shirley, o favoritismo de que goza Sweeting entre as senhoras e os seus cálculos matrimoniais, a fleuma de Donne e a cena em que êste e Malone são perseguidos por Tartar.

“Shirley” é o único romance de Charlotte em que ela nos apresenta os factos objectivamente e talvez daí provenha a sua fraqueza pois ela é essencialmente uma escritora subjectiva; mesmo aqui as cenas de paixão entre Shirley e Louis são-nos dadas por intermedio dum diário para melhor exprimir os seus sentimentos.

Charlotte tem sido censurada pelos criticos por esconder a existencia de Louis Moore e deixar o leitor convencer-se de que Shirley ama Robert para depois êste surgir e se explicar a atitude enigmática da heroína. É um desfecho subtil mas não convincente. O mesmo se dá com a atitude de Mrs. Pryor, que de índole benevola não podia desinteressar-se tão completamente da sua filha única, sem tentar conhece-la primeiro.

Charlotte também interrompe aqui e ali a descrição levada pelo seu próprio pensamento; isso sucede quando ao falar de Jessy e Rose York nos dá uma visão do seu futuro, prognosticando a morte prematura de Jessy. Charlotte ao fazê-lo lembra a morte de Martha, Taylor, e o cemiterio de Bruxelas onde ela jaz, mas se põe uma nota sentimental na descrição, prejudica a continuidade da cena que perde o seu poder emotivo.

Charlotte exprime no livro muitas das suas opiniões, sôbre a situação das mulheres, sobre a profissão de perceptora, sobre a dor de ver morrer um ente querido.

O romance tem cenas que se prolongam numa discussão indefinida entre duas personagens o que fatiga o leitor; logo no seu inicio Robert e Helstone se embrenham

numa discussão política, o primeiro defendendo Napoleão, o segundo Wellington, mas não chegam a uma conclusão concreta. Charlotte parece tomar gosto nestas discussões em que as frases estão cheias de metáforas.

O ambiente de Shirley não é restrito como o dos outros romances de Charlotte, pois não se limita a uma sala de aula ou á sociedade dum determinado grupo. Aqui surge-nos um mundo diferente, em que as cenas se passam na sua maior parte ao ar livre, onde se agita uma diversidade de caracteres.

Há cenas de estranha beleza como a do assalto á fábrica de Robert e a do encontro da floresta, de Martin e Carolina.

Charlotte se não dá lugar preponderante á emoção, serve-se dum assunto historico e “Shirley” passado no ambiente de Yorkshire, reproduzindo os seus costumes e linguagem é um dos primeiros romances regionais.

-Villette-

Depois da publicação de “Shirley” Charlotte tenta de novo publicar “The Professor”. Como não consegue, resolve aproveitar-se do material dêsse romance ampliando-o e dando-nos “Villette” que a critica considera a sua maior obra.

Ao escreve-lo Charlotte sente falta das irmãs com quem costumava trocar impressões sobre os seus livros, e a solidão em que vive afecta a sua natureza melancolica.

O desanimo e o pessimismo que dela se apoderam, reflectem-se no romance que na sua maior parte é uma confissão dos próprios sentimentos da autora.

Conhecemos a heroína, Lucy Snowe, quando passa uma temporada em casa de sua madrinha, Mrs. Bretton, senhora alegre e afável que tem o máximo orgulho no filho, Graham, um belo rapaz de catorze anos.

É nessa altura que Polly, uma pequenina de seis anos e a quem morrera a mãe, é confiada aos cuidados de Mrs. Bretton enquanto o pai se ausenta em viagem.

Polly é uma criança bastante sensível e cai num estado de enorme tristeza ao ver-se afastada do pai; só Graham consegue fazê-la recuperar a alegria e os dois tornam-se tão bons amigos que é com pesar que Paulina parte quando o pai regressa e a leva com êle.

Entretanto Lucy vai também para junto da sua família, de quem nada sabemos, e passados oito anos encontra-se sózinha no mundo e vê-se obrigada a ganhar a vida primeiro como dama de companhia duma senhora inválida, e depois da morte desta, novamente sem aparo, resolve tentar a sorte no continente. Vai então para Londres e faz a travessia do canal; alguns anos antes, ao regressar sózinha a Bruxelas, Charlotte fizera esta mesma travessia.

No barco, Lucy fala com uma bonita rapariga, Genevra Fanshawe, que lhe diz estar em Villette num collegio e que a directora dêste, Mme. Beck, precisava duma perceptora inglesa para as filhas.

Ao desembarcar, sem ter um destino fixo, Lucy resolve partir para Villette mas ao chegar lá, já de noite, vê com desespero que lhe falta a bagagem.

Procura então uma pensão que lhe indica um cavalheiro inglês, mas perde-se no caminho e quando dá pelo engano descobre que está ao pé do collegio de Mme. Beck. Pressentindo que a guia a mão do destino, pede para falar á directora e consegue que esta a admita

como uma especie de perceptora das filhas; algum tempo depois Lucy passa á categoria de professora de inglês e descreve-nos então a vida no colégio. Durante umas ferias em que fica sózinha, adocece, e um dia em que sai para fugir á sua solidão, entra numa igreja e apesar de protestante sente a necessidade de confessar a alguém o seu desespero e ajoelha aos pés do confessor. Lucy procede como a própria Charlotte. Ao sair do templo, sente-se a desmaiar e quando recupera os sentidos encontra-se num quarto que lhe é estranho mas onde reconhece todos os objectos que a rodeiam. Lucy por um acaso feliz, encontra-se em casa da madrinha de quem nunca mais ouvira falar e Graham, agora médico, não é outro senão o Dr. John que Lucy conhece do colégio por êle ter tratado as filhas de Mme. Beck. Graham é afinal também o assiduo pretendente de Ginevra que fala muitas vezes dêle a Lucy sob o nome de Isidore.

O Dr. John é porém infeliz nos seus amores; Ginevra prefere o futil conde De Hamal.

John Bretton toma por Lucy o interesse que um médico toma habitualmente pelos seus doentes, mas o seu character franco e bondoso faz com aquella se apaixone por êle. Lucy regressa ao colegio mas continua a visitar a madrinha.

Um dia em que vai ao teatro com Graham, dá-se um principio de incendio e na fuga precipitada fica ferida uma donzela; Graham oferece os seus serviços de médico e descobre que a donzela é Polly, agora condessa de Bassompierre, titulo herdado da família da mãe.

O Dr. John que deixara de amar Ginevra pela sua insolencia para com Mrs. Bretton, dedica agora o seu amor a Paulina no que é correspondido.

Lucy fica então mais só do que nunca mas a amizade que ultimamente se estabelecera entre ela e o professor de literatura francesa, M. Paul Emanuel, vai criando raízes e transforma-se em amor. Apesar da diferença de religião que os separa, Lucy é protestante M. Paul é um católico devoto, resolvem unir os seus destinos. Antes porém M. Paul faz uma viagem á India deixando a Lucy um colégio onde ela trabalha aguardando o seu regresso.

Mas na altura em que M. Paul deve chegar há uma grande tempestade que afunda muitos navios e nós ficamos sem saber se êle perece no naufrágio ou regressa para junto de Lucy.

Villette é uma autobiografia em que Charlotte nos dá muitas passagens da sua própria vida em Bruxelas.

O livro tem poder emotivo, mas moderado.

“Unless I am mistaken, the emotion in the book will be found to be kept throughout in tolerable subjection.” (70) escreve Charlotte ao seu editor.

O nome da heroína é escolhido segundo a propria natureza e como “she has about her an external coldness” depois de hesitar entre Frost e Snowe, Charlotte opta pelo ultimo.

Lucy é uma jovem calma e reservada, sem dotes de beleza, que tem que fazer só por si o seu caminho na vida.

A sua existencia não lhe permite quimeras vãs e ela tem um aspecto grave e um pensar sensato que não é comum na sua idade.

Tendo os mesmos anseios que qualquer rapariga de vinte e três anos, Lucy sob a sua aparencia calma, nunca mostra a luta que se trava no seu intimo.

“If I feel may I never express?” (71)

pergunta quando regressa ao colégio e pensa em John Bretton. Mas esse privilégio é-lhe negado pela razão, a quem Lucy sempre tem obedecido não por amor mas por receio.

Para ela não há alegrias terrenas e convencida disso, recalca as paixões e mantém-se fiel ao dever.

Mme. Beck aprecia a sua conduta, Ginevra julga-a insensível, Polly admirando a sua gravidade faz-lhe confidências e só Lucy sabe quanto custa aparentar uma calma que é só exterior.

Apaixona-se pelo Dr. John embora saiba que o seu amor é impossível consome-se a si própria reconhecendo a insensatês do seu sentir. Quando aparece Polly, Lucy pensa sem inveja que a natureza e o destino não distribuem igualmente os seus dons.

“I do believe there are some human beings so born, so reared so guided from a soft cradle to a calm and late grave that no excessive sufferings penetrates their lot, and no tempestuous blackness overcasts their Journey.” (72)

Polly é um desses seres privilegiados, representa a felicidade ao passo que Lucy se tem de contentar com um destino infeliz.

Charlotte ao delinear esta figura de heroína consagra-a ao sofrimento e apesar de lhe conceder o amor de Paul Emanuel não é sua intenção conceder-lhe uma felicidade conjugal.

Mr. Brontë, segundo ela diz, pedira-lhe para dar um fim feliz ao livro por isso Charlotte não apresenta claramente a morte do professor.

“Trouble no quiet kind heart; leave sunny imaginations hope. Let them picture union and happy succeeding life.” (73)

Mr. Smith acha a heroína morbida e fraca e Charlotte concorda que ela o seja por vezes.

Lucy é a própria Charlotte no seu puritanismo intransigente, na sua integridade de carácter, no seu pessimismo.

Lembrando a sua infância e considerando o seu viver Lucy medita:

“About the present it was better to be stoical; about the future - such future as mine - to be dead.”(85)

Em todo o romance assistimos ao palpitar desta alma ansiosa, a vida de compreensão e amor, para quem o destino se compraz em ser cruel.

Outra figura feminina que Charlotte se empenha em dar-nos perfeita é a de Paulina Bassompierre, mas ela própria reconhece que errou pelo facto de ela ser puramente imaginária.

Paulina é um perfeito contraste de Lucy; é rica, bela e admirada. Em criança surpreende-nos pela necessidade que tem em repartir o seu amor, primeiro pelo pai, depois por Graham; mas é uma menina socegada e com um procedimento pouco vulgar numa criança.

Mais tarde, Paulina, ainda lembra por vezes a pequena Polly, nos seus cuidados pelo pai e na sua vivacidade; mas então já é uma senhora, para mais condessa, e o próprio pai habituado a considera-la sempre criança, se admira da dignidade que ela sabe imprimir aos seus actos.

Paulina é docil e meiga e ao sentir-se atrair pelo seu amigo de infância não esquece o pai; ela é o elo entre êsses dois homens e ao faze-los felizes, alcança a sua própria felicidade.

Paulina é toda perfeição, duma pureza angelica e duma sinceridade que enternece.

Ginevra, sua prima, a quem M. Bassompierre paga os estudos, tem um carácter muito diferente; é egoísta, fútil, pensando só em toilettes e joias e nos seus admiradores.

Nunca se ofende com as censuras de Lucy e admira-nos com a franqueza rude das suas observações.

Ginevra desdenha o Dr. Bretton e apaixonar-se por De Hamal que é um caracter futil como ela, mas tem o titulo de conde, e para a vaidosa Ginevra isso representa muito.

Em Mme. Beck dá-nos Charlotte uma personagem inesquecivel; ela é como Mlle. Zoraide, o retrato de Mme. Heger.

Madame move-se como uma sombra por todo o colégio e usa sapatos silenciosos para que ninguém se aperceba da sua aproximação.

“Surveillance, espionage” é a sua divisa.

Mme. Beck dissimula as suas intenções mostrando-se afavel e comunicativa, mas ao seu olhar curioso não escapa o mínimo pormenor e ela não sente escrúpulos em se servir da mentira e em remexer as malas de alunas e professoras á procura de qualquer indicio de suspeita.

Como Zoraide se deixara prender por Crimsworth, tambem Mme. Beck se sente atrair pelo Dr. John, mas é bastante cautelosa para deixar transparecer a sua derrota.

É uma creatura desprovida de sentimentos, olhando só ao lado pratico da vida e ás suas conveniencias, hipocrita e astuta.

Se analisarmos agora as personagens masculinas verificamos que John Bretton, que a principio é a figura central do livro, se afasta para segundo plano na parte final e cede o seu lugar a M. Paul. Surpreende-nos esta transição brusca de interesse ocasionada afinal pela alteração que se dá nos proprios sentimentos de Lucy. Em John Bretton reconhecemos o editor Mr. Smith, em casa de quem Charlotte ficava hospedada nas suas visitas a Londres; a mãe dêle está tambem representada em Mrs. Bretton.

Graham é um rapaz brincalhão e descuidado que se transforma num médico digno e paciente; deixando-se iludir pelos encantos físicos de Ginevra, suporta-lhe todos os caprichos e só recupera a razão quando vê que também sua mãe é objecto de troça daquela.

John embora bom e simples é conscio do seu valor: ao sentir-se atraído pela beleza de Paulina, sedu-lo também a sua posição e riqueza. Se Paulina fosse bonita mas pobre, êle nunca se teria apaixonado por ela.

Eis as razões que Charlotte apresenta ao seu editor para provar que Lucy não pode casar com o jovem.

“He is far too youthful, handsome, bright-spirited and sweet tempered; he is a “curling darling” of Nature and of Fortune and must draw a prize in life’s lottery.

His wife must be young, rich, pretty; he must be made very happy indeed.” (74)

John é de facto um ser previligiado a quem o destino sempre tem favorecido, mas a sua existencia é ficticia precisamente porque reúne em si toda a perfeição.

Já em M. Paul temos um verdadeiro character; de todos os herois de Charlotte é êste o mais caracteristico, mesmo mais que Rochester. Charlotte recorda nesta figura o seu antigo professor M. Heger. M. Paul, “a dark little man, pungent and austere.” (75), é uma figura grotesca que só toma um papel de relevo na ultima parte do livro.

“If Lucy marries anybody it must be the Professor - a man in whom there is much to forgive, to put up with.” (76) escreve Charlotte.

M. Paul tem na verdade um génio irritavel, os seus modos são bruscos, a sua vontade

firme. É autoritário e cruel sendo considerado o terror do collegio, mas quando de boa disposição revela uma natureza alegre e generosa.

Habitado a ter fisionomias é êle que aconselha Mme. Beck a receber Lucy no dia da sua chegada e é êle que reconhece a sua energia recorrendo á “inglesa” para substituir na representação feita em honra de Mme. Beck, uma aluna que faltara á ultima hora.

M. Paul é desconfiado e curioso; remexe nos papeis de Lucy mas não possui o tacto de Madame, e deixa sempre sinal da sua curiosidade.

Mas sob o aspecto brusco e austero do professor esconde-se um caracter singular.

Infeliz nos amores da sua mocidade, vira morrer num convento a mulher que amava por os pais dela se oporem ao seu casamento. Mas êle tem uma natureza nobre que não conhece rancores e assim sustenta agora a mãe e a avó de Justine Marie, reduzidas súbitamente á miseria.

M. Paul é um católico devoto e tenta em vão fazer abdicar Lucy da sua crença. Mme. Beck e o Padre Silas aconselham-na a afastar-se da “heretica”, mas o professor reconhece a injustiça do seu proceder e aceita Lucy tal qual ela é.

O aspecto feroz de M. Paul é illusorio, êle é infantil como uma criança no prazer que toma no dia dos seus anos ao receber a prova de amizade de alunas e professoras.

As cenas de amor com Lucy são comevedoras pela sua sinceridade e as suas discussões são originaes pelo seu tom acentuadamente comico.

A figura de M. Paul é inesquecivel; parece que vemos a sua pequena figura e ouvimos o

seu passo rápido.

Ele é humano porque na sua natureza se entrecrocaram as qualidades boas e más - vive porque alia o grotesco ao sublime.

Em “Villette” Charlotte dá-nos imagens mais nítidas da sua vida no colégio do que em “The Professor” talvez porque aqui estava integrada no ambiente.

Não é tão profunda na observação dos defeitos de alunas e professores mas continua a ser severa. Lucy consegue o que Charlotte não conseguiria: dominar as suas alunas.

Lucy como a autora passeia pela “allée defendue”, mostra o seu horror pela religião católica, e como ela, não suportando a solidão do colégio é levada aos pés dum confessor.

Charlotte descreve admiravelmente a obsessão que se apossa da heroína ao considerar o seu isolamento.

O livro não tem uma estrutura perfeita.

Charlotte hesitara na escolha da sua heroína e assim Polly nos primeiros capítulos toma papel preponderante sendo depois substituída por Lucy, que até então não passava dum simples observadora.

O mesmo se dá entre John e M. Paul.

Muitos censuram Charlotte pela mudança subita de sentimentos na sua heroína. Lucy deixa de amar John e apaixonar-se por M. Paul. Mas para Lucy o amor por Graham é puramente ideal, ela nunca se convence da sua possibilidade.

Esse amor desperta apenas o seu coração e prepara-o para um sentimento mais profundo e duradouro.

Charlotte prova que um coração humano pode conciliar o amor e a admiração.

O amor que Lucy sente pelo professor não é diminuído pela sua admiração pelo Dr. John.

No decorrer do romance dão-se coincidências incríveis que reúnem as personagens dos primeiros capítulos, de quem por muito tempo nada sabemos.

Se Charlotte abusou do acaso, consegue no entanto por esse meio manter sempre viva a curiosidade do leitor.

Lucy não desperta tanto a nossa simpatia como “Jane Eyre” porque ao passo que conhecemos a infância de Jane, nada sabemos do passado de Lucy e desconhecendo a causa do seu infortúnio não nos interessamos tanto por êle.

Charlotte também aqui se serve do elemento misterioso para dar mais emoção ao romance.

É engenhosa a maneira como nos inspira terror servindo-se da lenda corrente no collegio da existencia dum fantasma. Lucy vê esse fantasma, nós supomos que é ilusão sua e afinal é apenas um disfarce de que se serve De Hamal para falar com Ginerva.

Entre as cenas do livro salienta-se aquela em que Lucy excitada por um calmante que Mme. Beck lhe fizera beber, não consegue conciliar o sono e sai do collegio como que sonambula, misturando-se a uma multidão, ruidosa que enche o parque da cidade e onde encontra os Brettons, Paulina e o pai, M. Paul e Mme. Beck.

A visão de Lucy parece feérica e está descrita magistralmente.

O fim do livro é também surpreendente pela rapidez dos acontecimentos. Charlotte toma um tom patético e lírico que se combinam numa harmonia perfeita.

Para Charlotte Brontë o romance é o meio de expressar os seus próprios sentimentos, e de viver uma existencia criada pela sua fértil imaginação mas “Villette” é mais do que isso é a propria confissão da vida da autora.

CAPITULO III

-O Romantismo de Charlotte Brontë no ambiente Victoriano-

Se bem que a época Victoriana seja essencialmente individualista, os seus escritores ressentem-se do ambiente em que vivem e têm certas características comuns.

Não se pode compreender porém a literatura, a arte e a politica Victoriana sem primeiro conhecer a sua vida domestica.

Cumpre de facto notar a preponderancia que toma nesta época a “classe média” e o alto nivel moral que atinge a vida inglesa com a subida ao trono da rainha Victoria.

O romance torna-se então a forma literária mais em voga talvez por se relacionar mais intimamente com a vida do homem e estudar as suas diferenças individuais.

Mas êste era considerado como uma leitura agradável, como um simples passatempo.

Os Victorianos escrevem para agradar a essa classe média, que sedenta de saber não tem ainda gostos definidos nem pensamentos profundos e daí provém a desigualdade que se nota nos seus romances, que não tratam de problemas de interesse geral nem focam a parte animal da natureza humana.

Mas a par dêstes defeitos, os Victorianos, obrigados a prender a atenção do leitor, a

distrai-lo, sabem como ninguém contar uma história e são notáveis pela sua imaginação criadora.

Charlotte Brontë tem defeitos e qualidades como os seus contemporâneos; como eles vive o ambiente da sua época mas em parte está avançada nas ideias do seu tempo. Vamos vêr porquê.

Charlotte Brontë é uma romântica; como Dickens, podemos integrá-la nesse movimento de reacção idealista que se opõe no character científico e racional que dominava a Inglaterra de então.

Esta reacção, de que faz parte o famoso “Movimento de Oxford” é afinal como que uma continuação do romantismo da época anterior que os victorianos tanto combatem.

Mas é impossível estabelecer uma barreira entre as tendencias de duas épocas sucessivas e assim é que ao manifestarem o seu descontentamento contra o racionalismo intransigente da época, êsses idealistas continuam uma tradição que julgam combater a tradição romantica.

Ora toda a obra de Charlotte Brontë é dominada por um romantismo ardente e individual.

Dêsde criança que se habituara a preencher a sua vida monotona e triste com sonhos que ía buscar á sua imaginação:

“We wove a web in childhood, a web of sunny air.” (77)

Na adolescencia sente-se atraída por essa literatura que melhor exprime as aspirações e desejos da sua alma insatisfeita.

Lê com entusiasmo as obras de Byron e sente-se atraída pelos seus herois, como Manphredo.

Mais tarde George Sand desperta a sua simpatia e ela prefere-a a Jane Austen cujo valor não

entende.

Charlotte habituara-se a um contacto íntimo com a natureza e nos seus livros serve-se dela para nos dar quadros perfeitos que são ao mesmo tempo revelações da sua alma. É natural pois que não aprecie a arte comedida de Jane Austen e que ao lêr “Pride and Prejudice” apenas encontre:

“a carefully fenced highly cultivated garden, with neat borders and delicate flowers; but no glance of a bright, vivid physiognomy no open country, no fresh air, no blue hill, no bonny beck.” (78)

Charlotte é tipicamente victoriana porque como os seus contemporâneos não faz mais do que uma alusão ao lado animal da paixão e as suas personagens são admiráveis pelo estoicismo de que dão provas nunca se afastando do caminho do dever.

Mas Charlotte revoluciona o mundo convencional em que vive pela intensidade com que descreve a paixão.

Antes dela ninguém ousara dar grande atenção, a êsse sentimento que era considerado inferior.

Jane Austen ignora-o e só o sentem as personagens mais obscuras dos seus romances como a frívola Lady Bennet; para Fielding a paixão era puramente animal; para Thackeray era uma febre dos sentidos, que êle tratava superficialmente.

Mas para Charlotte a “paixão” é a melhor parte da vida, é ela que exalta e transfigura as suas personagens.

Quando Miss Martineau a censura pelo papel preponderante do amor nos seus romances, que absorve os pensamentos das suas heroínas e preenche por completo a sua vida, Charlotte replica ofendida:

“I know that love is as I understand it; and if man or woman should be ashamed of feeling such love, then is there nothing right, noble, faithful, truthful, unselfish in this earth as I comprehend rectitude, nobleness, fidelity, truth and disinterestedness.” (79)

Mas os victorianos não estavam preparados para compreender êste sentimento sublime e assim consideram “Jane Eyre” um livro imoral.

Surpreende-nos hoje esta afirmação porque Jane é irrepreensível na sua conduta.

Charlotte porem vai contra as convenções da sua época ao mostrar que é o amor e não o casamento o verdadeiro objectivo da vida duma mulher. O casamento é uma consequencia e não uma causa desse amor.

Jane Eyre ao saber que Rochester é casado foge para evitar a perdição, recusa porem St. John porque continua fiel ao seu primeiro amor.

Esta atitude era inadmissível na época victoriana pois St. John representava um noivo ideal, com boas qualidades e livre. Como é que Jane o podia repudiar e continuar a amar insensatamente um homem casado?

Na época victoriana a mulher tinha um papel passivo na sociedade; limitava-se a ser amada e não a amar, ou se correspondia ao amor que lhe dedicavam nunca devia deixar transparecer os seus sentimentos.

Mas Jane Eyre não se limita a manifestar sem o menor pudor os seus sentimentos: é ela que lança como que um desafio a Rochester.

Mas não só Jane Eyre, todas as heroínas de Charlotte vivem alimentadas por esse fogo da paixão, até mesmo Carolina, a mais docil de todas elas.

Charlotte desce ao mais profundo da alma humana e põe a nu as lutas que nela se travam. É ela a primeira a trazer para a literatura a pura mas completa revelação dos sentimentos, e é nesta revelação que reside a melhor contribuição feminina no campo literário. Lucy e Jane Eyre são estudos dum coração torturado em busca da felicidade.

Mas a originalidade de Charlotte está em ela saber combinar a paixão ardente com um rígido puritanismo.

Ao mesmo tempo que tem o dom de sugerir a paixão, o misterioso e o oculto, sabe também exprimir as aspirações morais de cada um. Nos seus livros a vida aparece como um combate duro e sublime entre as forças do bem e as do mal. As suas heroínas antes de conseguirem a felicidade têm que sofrer e lutar por ela.

Charlotte Brontë não é porem só revolucionaria na maneira como exprime as paixões humanas; ela não quer só que a mulher tenha liberdade de amar segundo o impulso do seu coração, mas que tenha um lugar no mundo.

Sabendo que na atmosfera de Paris a mulher gozava de grande preponderancia, insurge-se contra a posição da mulher inglesa.

A Época Victoriana era a do homem por excelencia, a mulher não tinha existência própria, não podia ter ambições intelectuais e o seu unico futuro era o casamento.

A mulher que não casasse como que perdia os seus direitos, levando uma vida insipida e miseravel em casa dos pais ou dum irmão, e quando pobre ganhava a vida como perceptora em casa de estranhos.

Charlotte tinha um espírito demasiado independente para se submeter a tais regras e por isso nos seus livros se refere á triste situação da mulher.

É em “Shirley” pela boca de Carolina, que tem êste protesto veemente.

“Men of England, look at your poor girls, many of them fading around you dropping off in consumption or decline; or what is worse degenerating to sour old maids – envious, backbiting, wretched because life is a desert to them; or what is worst of all, reduced to strive, by scarce modest coquetry and debasing artifice, to gain that position and consideration by marriage, which to celibacy is denied.” (80)

Charlotte defende os direitos da mulher e quer pô-la num pé de igualdade com o homem. As suas ideias encontram eco anos depois no movimento das “New Women” que requerem a emancipação feminina.

Vivendo embora afastada do mundo, numa aldeia isolada de Yorkshire, surpreende-nos a ousadia de Charlotte Brontë que faz ouvir a sua voz em oposição ás ideias do seu tempo.

-CONCLUSÃO-

Charlotte Brontë foi uma das mulheres mais faladas no seu tempo e desde então tem sido alvo da curiosidade que rodeia sempre aqueles a quem a fama concede o seu louvor.

Tem sido admirada, incompreendida, censurada.

Ultimamente diminuem o seu mérito opondo-lhe a grandiosidade da obra de Emily.

Mas Charlotte teve uma vida diferente da irmã, o seu espírito mais prático levava-a a encarar as dificuldades da vida e a combatê-las.

Se não fosse a sua iniciativa talvez as três irmãs nunca tivessem publicado os seus romances, e talvez a obra de Emily fosse hoje totalmente desconhecida.

É natural que a agitação da sua vida tenha contribuído para a desigualdade da sua obra.

Charlotte foi a única que lutou incessantemente para melhorar as condições em que viviam; das irmãs foi ela a mais infeliz, pois sobrevivendo-lhes, teve que suportar sózinha o fardo da sua vida sem ter com quem partilhar os seus desgostos e as suas poucas alegrias.

Mas é ao descrever essa luta inglória que sustentou que Charlotte põe nos seus romances uma nota patética e vibrante.

Charlotte serve-se do romance para nos dar uma revelação de si própria. Como diz Lord David Cecil, ela é a primeira escritora subjectiva inglesa, a precursora de “Proust e James Joyce” mas o seu campo de observação é muito mais limitado que o daquêles escritores.

Charlotte limita-se a dar-nos uma impressão do mundo como ela própria o vê e sente, e as suas personagens não nos são apresentadas integralmente mas só sob o aspecto em que impressionam as suas heroínas.

O conhecimento que tinha do mundo era pouco, por isso o horizonte dos seus livros não é vasto; não se limitou porém ao ambiente pátrio e dá-nos cenas da vida numa escola em Bruxelas; trouxe também um cenário novo para a literatura inglesa, o de Yorkshire, e é uma das primeiras a tratar o romance social, em “Shirley”, onde descreve as lutas no tempo da Revolução Industrial.

As suas personagens são de uma classe que desperta pouco interesse: perceptores, clérigos e industriais.

Mas estas mesmas personagens transfiguram-se com o ardor da paixão e tornam-se imortais como Jane, Rochester e Paul Emanuel. O próprio ambiente em que se movem estas figuras, tem um brilho que só a imaginação de Charlotte lhe pode dar e a própria natureza se reveste duma atmosfera misteriosa em que palpita a paixão.

Charlotte que não fôra grande ao escrever poesia, dá-nos passagens nos seus romances dum sublime lirismo passional, em que vibra uma verdadeira alma de poeta.

Mas Charlotte tem uma obra desigual; se atinge o máximo de perfeição, não se mantém sempre a esse nível; até ao descrever a paixão em que é eximia, também tem os seus defeitos, quando trata o seu lado animal.

A sua linguagem é simples e clara quando ditada pela sua pura inspiração mas também é trabalhada e artificial.

Os próprios diálogos entre as personagens se tornam maçadores quando lhes falta a naturalidade.

A estrutura dos seus romances também não é perfeita e dão-nos por vezes situações incríveis que só eram possíveis aos olhos da autora.

Mas a obra de Charlotte Brontë continua a ser lida com agrado; se bem que os gostos evoluam com as épocas, o leitor moderno nota as suas qualidades a par dos seus defeitos.

O nome de Charlotte Brontë perdura ao lado do de Dickens pela riqueza das suas personagens, pelo seu forte poder imaginativo e sobretudo pela magnífica e profunda revelação que faz da alma humana e das paixões que a agitam.

-NOTAS-

- (1) “The Brontës - Charlotte and Emily” - Laura Hinkley ----Pag. 9
 Se eu me contasse entre os homens calmos, pacíficos
 e rotineiros do mundo teria tido provavelmente
 filhos como os meus.
- (2) Mrs. Gaskell’s - “Life of Charlotte Brontë” -----Pag. 236
 Ela alimentava-se da Bíblia.
- (3) Idem -----Pag. 103
 Eramos políticos violentos como não podiamos
 deixar de o ser em 1832. Ela dizia que se
 interessava por politica desde os cinco anos.
- (4) Idem -----Pag. 101
 Julgámos que era muito ignorante pois
 nunca tinha aprendido gramática e sabia
 muito pouco de geografia.
- (5) Idem -----Pag. 105
 Recolhida a menor informação sôbre pintura,
 escultura, poesia, musica, ect. Como se
 fôsse ouro.

- (6) “The Brontës - Charlotte and Emily” - Laura Hinkley - Pag. 161
Supondo que ela teria dado todo o seu génio e a sua fama para ser bela. Talvez tenha havido poucas mulheres mais desejosas de ser bonitas do que ela ou mais terrivelmente conscientes do facto de não serem bonitas.
- (7) “The Life of Charlotte Brontë” – Mrs. Gaskell -----Pag. 120
O decorrer de um dia é o de todos os dias.
De manhã das nove horas ao meio dia e meia dou lições ás minhas irmãs e desenho;
passeamos então até á hora do jantar; depois do jantar coso até á hora do chá. Depois do chá escrevo, leio, bordo ou desenho, conforme me apetece. Assim passa a minha vida seguindo um curso agradável mas um tanto monotono.
- (8) Idem -----Pag. 137
Sinto-me triste, muito triste, ao pensar que vou deixar a minha casa; mas o dever e a necessidade são inflexiveis e não admitem a desobediencia.
- (9) Idem -----Pag. 144
Tenho rebates de consciencia, sentimentos de remorso, visões de coisas sagradas e inexprimiveis a que antigamente era estranha.

(10) Idem -----Pag. 142

Não sou como tu. Se conhecesses os meus pensamentos, os sonhos que me absorvem e a imaginação ardente que por vezes me consome e me faz achar a sociedade, tal como ela é, horrivelmente insípida, terias pena de mim e até ousar afirmar que me desprezarias.

(11) Idem -----Pag. 167

Até um espírito calmo como o teu não pode imaginar os sentimentos da infeliz que te está a escrever quando depois de semanas de sofrimento físico e mental qualquer coisa parecido com a paz começa a surgir.

(12) Idem -----Pag. 169

Porem não sentia nem podia sentir aquela intensa amizade que me faria morrer por êle, de boa vontade; e se algum dia casar será sob essa luz de adoração que olharei o meu marido.

(13) Idem -----Pag. 179

Estou condenada a ser uma solteirona. Não importa! Desde os doze anos preparei o meu espírito para êsse destino.

- (14) Idem ----- Pag. 182
 Eu destesto e odeio a pura lembrança de ser preceptora.
- (15) Women Novelists----- Pag.109
 Não há qualquer meio para uma mulher viver em Inglaterra senão a ensinar, a coser ou a lavar. O ultimo é o melhor. O mais bem pago, o mais saudavel e o mais livre.
- (16) “The Life of Charlotte Brontë” -----Pag. 203
 Ninguém senão eu pode dizer quão duro é para mim o trabalho de preceptora – pois que ninguém como eu sabe quão contrários a esta profissão são o meu espirito e a minha natureza.
- (17) Idem-----Pag. 210
 Mal sei o que me subiu á garganta quando li a sua carta: uma impaciencia tão veemente de sujeição e trabalho constante; um tão forte desejo de possuir azas – azas como as pode dar a riqueza; uma tal sêde de ver, de saber, de aprender.
- (18) Idem-----Pag. 215
 Eu desejava ir a Bruxelas; mas como consegui-lo?

- (19) Idem-----Pag. 229
A minha vida presente é tão agradável, tão conforme á minha propria natureza comparada com a de perceptora.
O meu tempo sempre ocupado passa muito depressa.
- (20) Idem-----Pag. 256
Há um sentimento constante de isolamento no meio duma multidão. O protestante, o estrangeiro, é um ser solitário quer como professor quer como aluno.
- (21) Idem-----Pag. 258
Numa vida semelhante á de Robinson Crusoe, muito só.
- (22) Idem-----Pag. 263
Dentro de poucos dias começarão as férias; todos se sentem alegres e animados com esta perspectiva, pois que todos se preparam para regressar a suas casas. Eu sei que tenho de ficar aqui durante as cinco semanas que duram as férias, e que estarei muito só durante esse tempo; por isso desanimo e acho os dias e as noites duma lentidão fatigante.
- (23) Idem-----Pag.319
Regressei a Bruxelas depois da morte de minha tia contra a voz da minha consciencia, levada pelo que então me parecia um impulso irresistivel. Fui punida pelo meu louco egoismo, por uma

total ausencia de felicidade e paz de espirito,
por mais de dois anos.

- (24) “Wuthering Heights” - Prefacio -
Levou horas a conformá-la pela descoberta que eu tinha feito, e dias a persuadi-la de que tais poemas mereciam ser publicados.
- (25) Idem - Prefacio -
Mãos habeis e amigas receberam-no.
- (26) “The Life of Charlotte Brontë” -----Pag. 374
Todos os seus vicios nada foram nem nada são agora. Só lembramos o seu sofrimento.
- (27) Idem-----Pag. 382
Se mandares chamar um médico, recebo-o agora.
- (28) Idem-----Pag. 378
No mundo, o ser mais próximo do meu coração.
- (29) Idem-----Pag. 383
Findou a angustia de a ver sofrer; o espectáculo da agonia da morte acabou; passou o dia do funeral. Sentimos que ela descansa em paz. Já não é necessario temer a fria geada ou o vento cortante. Emily não os sente. Morreu na idade da esperança. Vimo-la arrebatada á vida na sua mocidade.
Mas é a vontade de Deus e o lugar onde ela agora repousa é melhor que o que ela deixou.

- (30) Idem-----Pag. 384
Charlotte, tens de reagir. Morro se tu me faltas.
- (31) Idem-----Pag. 390
Por vezes perco o animo por completo; então olho para onde me aconselhas a olhar, para lá das tempestades e tristezas terrenas. Se não obtenho consolação parece-me no entanto ganhar forças.
- (32) Idem-----Pag.410
Então o sentimento de desolação e amargura apos-
sou-se de mim. A angustia que tinha de suportar
e não podia evitar, aproximou-se.
Ao fim da tarde quando a noite se aproxima.
A essa hora costumávamos reunir-nos na sala de
jantar, costumávamos conversar. Agora sento-me
sózinha forçosamente, silenciosa.
Não posso deixar de pensar nos seus últimos dias,
de lembrar os seus sofrimentos, o que diziam e fa-
ziam e o seu aspecto na agonia mortal.
- (33) Idem-----Pag. 411
Quando acordo de manhã e sei que a solidão, a lem-
brança e a saudade serão quasi só os meus unicos
companheiros durante todo o dia – que á noite irei
para a cama com êles, que êles me terão por muito
tempo acordada, que na manhã seguinte ao acordar
os terei de novo a meu lado, algumas vezes Nell,
desanimo assustadoramente. Mas ainda não me con-
sidero vencida.

- (34) Idem-----Pag. 395
 Aprendi que não devemos procurar consolação nas nossas próprias forças, devemos procura-la na omnipotencia de Deus.
- (35) Idem-----Pag. 628
 Estou certa que o destino que a Providencia com a sua bondade e sabedoria me oferece não será considerado brilhante, mas creio vêr nele alguns germens de verdadeira felicidade.
- (35A) Idem-----Pag. 640
 Eu não vou morrer, pois não? Êle não nos vai separar , temos sido tão felizes.
- (36) Idem-----Pag. 158
 Espero nunca mais sentir a ambição de ver o meu nome em letras de imprensa.
- (37) Prefacio de “Wuthering Heights”
 Desde muito cedo acalentamos o sonho de sermos um dia escritoras.
- (38) “The Life of Charlotte Brontë” -----Pag. 476
 São produções juvenis, a efervescencia irriquieta dum espirito que não podia estar socegado.
- (39) “The Professor” - Prefacio -
 Disse para comigo que o meu heroi havia de fazer o seu caminho na vida como eu o vira a fazer a muitos homens na vida real.

Como filho de Adão havia de ter o destino de Adão e beber durante a vida duma taça de felicidade mista e moderada.

- (40) “The Brontës” - Phyllis Bentley -----Pag. 63
 Acho o principio muito fraco, toda a narrativa falha em incidentes e em atractivo geral. Porem a parte media e a final da obra, tudo o que se refere a Bruxelas o collegio belga, ect. é tão bom quanto o sei escrever.
- (41) “The Professor”-----Pag. 95
 Podia distinguir á primeira vista a filha de Albion e discipula do protestantismo da filha adoptiva de Roma, entregue nas mãos de Jesuitas; Tinham tambem um ar orgulhoso essas raparigas inglesas; a um tempo invejadas e ridicularisadas pelas companheiras do Continente, desviavam o insulto com fria delicadeza e respondiam ao odio com um silencio desdedonhoso; evitavam a companhia das outras e parecia viverem sós no meio duma multidão.
- (42) Idem-----Pag. 150
 A actividade em breve suaviza a dor.
- (43) Idem-----Pag. 216
 Não seria possível, Senhor. Gosto duma vida contemplativa mas prefiro-lhe a actividade. É preciso que trabalhe e que trabalhe consigo.

- (44) Idem - Prefacio -
 Julga-se em geral que os homens de negocio preferem o que é real; na pratica a ideia mostra-se enganosa; uma preferencia apaixonada por tudo o que é ardente, maravilhoso e emotivo, por tudo o que é estranho, terrivel e cruciante agita muitas almas que mostram uma superficie calma e grave.
- (45) “Wuthering Heights” - Prefacio -
 Passava de mão em mão em Londres.
- (45A) “The Victorians and their Books”-----Pag. 264
 Quão bem recordo o deleite, a admiração e o prazer com que li “Jane Eyre” que me foi enviado por um autor cujo nome e sexo me eram igualmente desconhecidos; quão bem recordo a estranha fascinação do livro e como apesar do meu próprio trabalho pesando sobre mim, tendo iniciado a sua leitura não pude abandona-lo senão depois de estar completamente lido.
- (46) “Jane Eyre” -----Pag. 86
 Está muito distinta; e tem o ar de uma senhora, é exactamente o que eu esperava que fôsse; nunca foi uma beleza em criança.”
 - “Mas certamente que é inteligente. O que sabe fazer? Sabe tocar piano?”

- (47) Idem-----Pag. 30
 Não sou dissimulada: se o fosse diria que gosto de si; mas declaro-lhe que não gosto; a senhora é a pessoa que mais detesto neste mundo á excepção de John Reed; e êste livro sobre a mentira deve-o dar á sua filha Georgina, porque ela é que mente, não eu.
- (48) Idem-----Pag. 252
 “Julga que eu posso ficar aqui nada sendo para si? Julga que eu sou um automato, uma maquina sem alma e que deixarei que me tirem da boca o meu bocado de pão e do meu corpo a gota de agua que me dá vida? Pensa que por eu ser pobre e humilde, pequena e desengraçada não tenho coração nem alma? Engana-se! – Tenho uma alma e um coração como o senhor! E se Deus me tivesse dado alguma beleza e muita fortuna, saberia tornar-lhe a si esta separação tão cruel como o é para mim. Estou-lhe a falar esquecendo usos, convenções e até esta carne mortal. É a minha alma que fala com a sua, como se ambos tivéssemos passado para além do tumulo e estivessemos diante de Deus, iguais - como somos.
- (49) Idem-----Pag. 317
 Devo respeito a mim propria. Quanto mais solitaria, mais sem amigos e mais sem amparo me sinto, mais me devo respeitar.

- (50) Idem-----Pag. 419
Estar ligada a um homem que me olhasse apenas como um util instrumento.
- (51) Idem-----Pag. 419
Que Deus me perdoe e que ninguém se intrometa comigo.
Ela é minha e hei-de guarda-la.
- (52) Idem-----Pag. 212
Faço o que posso; sempre o fiz e continuarei a fazê-lo.
- (53) Idem-----Pag. 450-451
Ultimamente Jane, só ultimamente, comecei a vê-la e a reconhecer a mão de Deus no meu destino. Comecei a sentir o remorso e o arrependimento, o desejo de me reconciliar com o meu Criador. Comecei a rezar; eram orações muito breves mas muito sinceras.
- (54) Idem-----Pag. 376
É-me mais preciosa que o sangue que me corre nas veias. É o que constitui para mim o meu futuro, a minha razão de ser.
- (55) Idem-----Pag. 419
Ele esquece impiedosamente os sentimentos e as exigências das pessoas fracas, absorvido nos seus vastos designios.

- (56) Idem-----Pag. 405
 Deus e a Natureza fizeram-na para mulher de um missionário. Não lhe deram encantos físicos mas dons morais: é feita para o trabalho, não para o amor. Tem de ser mulher de um missionário e há-de sê-lo.
 Quero que seja minha. Reclamo-a, não para meu prazer, mas para o serviço do meu Soberano.
- (57) Robert de Traz “La Famille Brontë”
- (58) Idem-----Pag. 395
 Via que êle era da massa de que a Natureza faz os seus heroes cristãos ou pagãos – os seus legisladores os seus homens de estado os seus conquistadores: uma forte baluarte em que podem repousar os interesses do mundo.
- (59) “The Brontës – Charlotte and Emily” -----Pag. 194
 Há superiores á autora na composição, na construção, no campo imaginativo, na delicadeza de concepção, na felicidade de execução, na amplidão de tema, na elevação e profundidade de pensamento. Não existe nenhum seu rival na arte de impor uma convicção.
- (60) Idem-----Pag. 194
 O que verão os criticos das revistas e magazines mensais em Jane Eyre, que lhes chame a atenção? Não tem qualquer ensinamento ou inves-

tigaçãõ, não discute nenhum assunto de interesse publico. É um simples romance da vida comum, que receio bem pareça trivial a homens de vistas largas e grandes realizações.

- (61) “Shirley” -----Pag. 1
 Aguardais algo de sentimental, poético e imaginário? Esperais encontrar aqui paixão, estímulo e melodrama? Acalmai as vossas esperanças: reduzi-as a um grau mais baixo. Algo de real, frio e sólido se vai desenrolar a vossos olhos.
- (62) “The Life of Charlotte Brontë” - Mrs. Gaskell-----Pag. 478
 Grande parte dêle foi escrito sob a ameaça duma desgraça eminente; e o ultimo volume, tenho de o confessar, foi composto numa tentativa ansiosa e inquieta para combater sofrimentos morais quasi intoleraveis.
- (63) Idem (carta a Hellen) -----Pag. 424
 As heroínas são meras abstrações e os herois também. Qualidades que eu observei, amei e admirei estão espalhados por aqui e por ali como joias decorativas.
- (64) “Shirley” -----Pag. 208
 Pelo sangue e pelo nascimento.
- (65) Idem-----Pag. 614
 - Sou dependente, sei qual é o meu lugar.
 - Sou mulher, sei qual é o meu.
- (66) Idem-----Pag. 257
 Quero ser tudo ou nada para um homem como Roberto.

- (67) Idem-----Pag. 390
 A existencia não foi criada para ser esta coisa inútil, vazia, pálida e insípida que se torna para muitos e para mim em particular.
- (68) Idem-----Pag. 30
 O sorriso do homem de animo resolutivo que chega a um momento da vida em que esse animo tem de fazer apelo a toda a sua força, em que a luta é inevitável e a sua energia tem de triunfar ou sobrar.
- (69) Idem-----Pag. 217
 Sai-se para conversar; vem-se para casa para ler e reflectir.
- (70) “The Life of Charlotte Brontë” -----Pag. 583
 A não ser que me engane o poder emotivo mantém-se em todo o livro sob um controle razoável.
- (71) “Villette” -----Pag. 263
 Se eu sinto nunca posso exprimir o meu sentir?
- (72) Idem-----Pag. 505
 Creio que há seres humanos de tal modo nascidos, criados e guiados de um berço macio a uma calma e tardia sepultura que nenhum sofrimento excessivo se introduz no seu destino, nenhum negrume de tempestade perturba a sua jornada.

- (73) Idem-----Pag. 573
 Não perturbeis nenhum coração bondoso. Deixai a esperança ás imaginações alegres. Deixai-as imaginar a união e uma vida prospera e feliz.
- (74) The Life of Charlotte Brontë -----Pag. 582
 Êle é muito novo, belo, alegre e bondoso; é um “favorito” da Natureza e da Fortuna e há-de conseguir um prémio na lotaria da vida. A mulher dêle há-de ser jovem, rica e bonita; êle tem de ser muito feliz.
- (75) Villette-----Pag. 144
 Um homem baixo e escuro, acrimonioso e austero.
- (76) The Life of Charlotte Brontë -----Pag. 582
 Se Lucia casar com alguém êsse alguém só pode ser o Professor – um homem a quem se tem de perdoar e desculpar muita coisa.
- (77) The Brontës – Phyllis Bentley-----Pag. 352
 Tecemos uma teia na infancia, uma teia doirada a eterea.
- (78) The Life of Charlotte Brontë -----Pag. 352
 Um jardim muito bem tratado e cuidadosamente vedado, com uma bonita guarnição e flores delicadas; mas uma fisionomia alegre e viva, nem um campo aberto, nem ar puro, nem uma colina azul ou um gracioso regato.

- (79) Idem-----Pag. 598
 Eu sei que o amor é como eu o compreendo;
 e se o homem ou a mulher têm de se envergo-
 nhar por sentir tal amor, então nada há neste
 mundo de justo, nobre, fiel, verdadeiro e desin-
 teressado segundo a minha concepção de recti-
 dão, nobreza, fidelidade, verdade e desinteresse.
- (80) Shirley -----Pag. 392
 Homens de Inglaterra, olhai para as vossas fi-
 lhas, muitas delas definhando ao vosso lado e
 morrendo de tísica ou de abatimento; ou o que
 é pior fazendo-se velhas solteironas – inve-
 josas, maledicentes, infelizes porque a vida é
 um deserto para elas: ou pior que tudo isso,
 usando dum coquetismo pouco modesto e de arti-
 fícios humilhantes, limitando-se a tentar con-
 seguir pelo casamento a posição e consideração
 que é negada ao celibato.
- (81) The Professor-----Pag. 42
 Somos reformadores por natureza, reformadores
 radicais.
- (82) Shirley -----Pag. 620
 Vá-se embora. Não morrerei se me deixar.
- (83) Idem-----Pag. 164
 O casamento e o amor são superfluidades des-

tinadas sómente aos ricos que vivem bem e não precisam de pensar no dia de amanhã; ou então são um desespero a ultima e louca alegria dos profundamente infelizes que não esperam erguer-se do lamaçal da sua pobreza extrema.

(84) Idem-----Pag. 137

A invenção pode ser uma coisa boa mas eu sei que não é justo que os pobres morram de fome.

(85) Villette-----Pag. 121

Quanto ao presente era melhor ser estoica; quanto ao futuro, um futuro como o meu, ser inactiva.

-Bibliografia-

Obras de Charlotte Brontë:

The Professor

Jane Eyre

Shirley

Villette

Obras consultadas:

Mrs. Gaskell ----- “The Life of Charlotte Brontë”

Robert de Traz ----- “La Famille Brontë”

Sudgen ----- “A short History of the Brontës”

Laura Hinkley ----- “The Brontës - Charlotte and Emily”

Willis ----- “The Brontës”

Isabel Carke ----- “Haworth Parsonage”

Phyllis Bentley ----- “The Brontës”

Muriel Masefield ----- “Women Novelists”

Lord David Cecil ----- “Early Victorian Novelists”

Amy Cruse ----- “The Victorians and Their Books”

Massingham & Hugh ----- “The Great Victorians”

Louis Cazamian ----- “A History of English Literature”

Charles David Ley ----- “A Vida Trágica das Irmãs Brontë”

